

COLÓQUIO

História,
Arte, Arqueologia,
Geografia e Etnografia

IV JORNADAS DE VALORIZAÇÃO
DO PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL DE
CONDEIXA-A-NOVA

13 de Fevereiro de 2016



ACTAS

*VERGÍLIO CORREIA
IN MEMORIAM*

**ACTAS DO COLÓQUIO DE HISTÓRIA, ARTE, ARQUEOLOGIA,
GEOGRAFIA E ETNOGRAFIA**

VERGÍLIO CORREIA *IN MEMORIAM*

**IV JORNADAS DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL
DE CONDEIXA-A-NOVA – PARTICIPAÇÃO LIVRE**

**PROCEEDINGS SYMPOSIUM ON HISTORY, ART, ARCHAEOLOGY,
GEOGRAPHY AND ETHNOGRAPHY**

VERGÍLIO CORREIA *IN MEMORIAM*

**4TH CONFERENCE ON VALUING THE CULTURAL AND NATURAL
HERITAGE OF CONDEIXA-A-NOVA - FREE ADMISSION**

POUSADA DE CONDEIXA – COIMBRA

Rua Francisco de Lemos, 3-5 – 3150-142 Condeixa-a-Nova – 239944025

12-13 de Fevereiro de 2016

Sexta e Sábado

Edição – 6 de Julho de 2018

COMUNICAÇÕES



CENTRO DE ESTUDOS VERGÍLIO CORREIA



MOVIMENTO
PARA A PROMOÇÃO DA CANDIDATURA
DE CONIMBRIGA
A PATRIMÓNIO MUNDIAL
DA UNESCO

ÍNDICE

ABERTURA

Saudação	13
----------------	----

O HOMEM, A ARTE E A NATUREZA

Itinerário de Vergílio Correia expresso no seu arquivo de fotografias em chapa de vidro – Exposição Temporária e Itinerante	17
<i>Miguel Pessoa; Lino Rodrigo – Associação Ecomuseu de Condeixa; Museu de Conimbriga – DGPC; Universidade de Lisboa – IICT</i>	
Sobre Vergílio Correia (1888-1944), um homem de cultura plena que soube abrir-se à plu- ridisciplinariedade numa obra científica excepcional	19
<i>Vitor Serrão – ARTIS, Instituto de História da Arte, FL, Universidade de Lisboa</i>	
A propósito da abertura da Exposição “Itinerário de Vergílio Correia, 1888-1944, expresso no seu arquivo de fotografias em chapa de vidro”. 25 de Abril de 2016, Museu POROS, Condeixa-a-Nova	25
<i>Guida Cândido – Câmara Municipal da Figueira da Foz – Arquivo Fotográfico</i>	
O miúdo Luiz Goes e o senhor Doutor Vergílio Correia – Uma amizade singular!	31
<i>Carlos Carranca – Universidade Lusófona, Lisboa</i>	

A TERRA E O HOMEM

Apontamento. Arqueologia da Paisagem no pendor norte das serras calcárias de Sicó. Sub- sídios para uma arqueologia da Paisagem de Conimbriga	35
<i>Pedro Bingre do Amaral – Escola Superior Agrária de Coimbra</i>	
Reserva Natural do Paul de Arzila – Riqueza Ambiental e Tradições	37
<i>Luís Leitão – Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas</i>	
Água e pedra nos moinhos e azenhas do concelho de Condeixa-a-Nova	41
<i>Lídia Catarino – DCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra</i>	
Apontamento. O Projecto da <i>Escola da Água</i> , em Arrifana, Ega, Condeixa-a-Nova	49
<i>Jael Palhas, Erika Almeida, Sandra Ribeiro, Pedro Morais – Junta de Freguesia da Ega e Interpretare – Associação para a Interpretação do Património Natural e Cultural</i>	

O HOMEM E O EXTRAORDINÁRIO

A Gruta do Medronhal (Arrifana, Ega, Condeixa-a-Nova) e a Arqueologia	53
<i>Raquel Vilaça, Universidade de Coimbra. João Luís Cardoso, Universidade Aberta. Ana Maria Silva, Universidade de Coimbra</i>	

Il mosaico del labirinto da Conimbriga a Ravenna. Mosaicos do labirinto de Conímbriga a Ravenna	67
<i>Cetty Muscolino – Ravenna. Miguel Pessoa – Conímbriga</i>	
As pinturas murais da Igreja de Nossa Senhora da Graça, na Vila da Ega	83
<i>Joaquim Inácio Caetano – Lisboa</i>	
O Retábulo de Nossa Senhora da Graça da Igreja Matriz da Ega, obra do pintor Diogo de Contreiras, 1543	91
<i>Vitor Serrão – ARTIS, Instituto de História da Arte, F. L., Universidade de Lisboa</i>	
Património Histórico e Artístico da Unidade Pastoral de Conímbriga	105
<i>Idalino Simões, Condeixa-a-Nova – Unidade Pastoral de Conímbriga</i>	
Os trabalhos de conservação e restauro realizados, em 2002-2006, na talha barroca da Igreja de Vila Seca	111
<i>Rolando Simões, Vila Seca – Unidade Pastoral de Conímbriga</i>	
Ex-voto da Capela da Senhora da Lapa na Quinta do Travaz, Condeixa-a-Nova	113
<i>Ana Santiago Faria, Granja, Penacova</i>	

A MÚSICA, O HOMEM E A SOCIEDADE

Os Gaiteiros e as Gaitas de Fole na Região de Coimbra	127
<i>Henrique Oliveira, Pablo Carpintero e António Freire – Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita-de-foles</i>	
A representação de instrumentos musicais em retábulos quinhentistas de Alcabideque (vihuela), de Anobra (corneto) e de Condeixa-a-Velha (tambor). Seu contexto na música da Renascença	149
<i>Paulo Moniz – Conservatório de Música de Coimbra</i>	
O órgão de tubos setecentista da Igreja da Ega e a possível identificação do seu construtor	153
<i>António Simões – Oficina de Construção de Órgãos de Tubos</i>	
Una salle de bal décorée à l'Antique à Condeixa-a-Nova, au Portugal – A Sala de Baile ou Sala Pompeia, do Palácio setecentista Lemos Sotto Mayor Matoso, em Condeixa-a-Nova, Portugal, decorada à maneira da Antiguidade Greco-Romana	163
<i>Maria Teresa Caracciolo. Lille. França</i>	
Os Sinos de Condeixa-a-Velha e a indústria sineira em Portugal	171
<i>Maria Adelaide Furtado – Al-Baiáz, Associação de Defesa do Património de Alvaiázere</i>	
Filarmónica Fina-Flor Condeixense em Concerto. 1959	183
<i>Manuel dos Santos – Poeta. Cândido Ribeiro da Cruz – Filarmónico</i>	

TEMPOS DE MUDANÇA – PATRIMÓNIO QUINHENTISTA

O Foral manuelino de Condeixa: constituição e reconstituição	189
<i>Maria Helena da Cruz Coelho – Centro de História da Sociedade e da Cultura – F. L. – Universidade de Coimbra</i>	
O Foral da Ega de 1514	199
<i>Margarida Sobral Neto – Centro de História da Sociedade e da Cultura – F. L. – Universidade de Coimbra</i>	
O Património Quinhentista da Freguesia de Anobra	209
<i>João Pinho – Investigador de História Local e Regional e Empreendedor Cultural</i>	

Um olhar sobre os Paços Fortificados. O Paço da Ega como testemunho de uma evolução secular	217
<i>Francisco Sousa Lobo – Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos – Lisboa</i>	

Símbolos de poder no triângulo manuelino de Belém. O Mosteiro dos Jerónimos, Património Mundial da Unesco desde Dezembro de 1983	225
<i>Isabel Cruz Almeida, Lino Rodrigo. Mosteiro dos Jerónimos – DGPC – MC/IICT, Universidade de Lisboa</i>	

TEMPOS DE MUDANÇA – SÉCULO XIX, XX E XXI

O Incêndio de Condeixa na noite de 13 de Março de 1811 e a retirada de Massena	233
<i>Luís Sodré de Albuquerque – Museu Militar de Lisboa</i>	

Apontamento. A Literatura, a pintura e o teatro em Fernando Namora, Manuel Filipe e Deniz – Jacinto. Originalidades e influências	237
<i>António Pedro Pita – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, F. L., Universidade de Coimbra</i>	

A Cerâmica artística, hoje, em Condeixa-a-Nova, e a última fornada da Cerâmica Conímbriga, 50 anos depois. Tradição e inovação.	239
<i>Isaura Marques – Atelier de Pintura Decorativa. Ameixeira, Condeixa-a-Velha / Oureça, Soure</i>	

Património na Era do Digital: Memória e História.	241
<i>Cláudia Ferreira – Museu PO.ROS – Portugal Romano em Sicó, Condeixa-a-Nova</i>	

Por uma dinâmica material e imaterial com a Arte Contemporânea.	245
<i>Valdemar Santos – Artista Plástico. Docente do Ensino Secundário</i>	

POSFÁCIO

Lançamento das Actas das III Jornadas de Valorização do Património Cultural de Eira Pedrinha.	247
<i>José Amado Mendes – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra</i>	

OS GAITEIROS E AS GAITAS DE FOLE NA REGIÃO DE COIMBRA

HENRIQUE OLIVEIRA, PABLO CARPINTERO E ANTÓNIO FREIRE

Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita-de-foles

Gaiteiros em Portugal

A gaita de fole foi comprovadamente tocada em grande parte do território português, incluindo em regiões às quais actualmente não associamos esse instrumento, como no Alentejo, onde era tocada pelo menos ainda no século XIX¹. Quanto às zonas em relação às quais até agora não foram encontradas evidências, com toda a probabilidade este instrumento também aí terá sido utilizado, e estamos em crer que mais cedo ou mais tarde isto poderá ser confirmado.

No âmbito da primeira grande análise sistemática dos instrumentos musicais populares portugueses, realizada por Ernesto Veiga de Oliveira entre 1960 e 1965, ficou registada a utilização da gaita de fole em Trás-os-Montes e no litoral entre o rio Minho e o rio Tejo², ainda que na realidade fosse utilizada até mais a sul, na península de Setúbal.

Nesta faixa litoral entre o rio Minho e a foz do Rio Sado, encontrava-se três zonas de maior vitalidade do instrumento, uma das quais Ernesto Veiga de Oliveira nomeou por «Região de Coimbra» (**Figura 1 e 2**). Utilizou esta designação por essa zona integrar esse concelho e outros da sua vizinhança imediata ou próxima, configurando uma mancha contínua. Integrava concelhos que, apesar de confinarem com o de Coimbra, administrativamente não se inseriam no mesmo distrito, como a Mealhada,



Fig. 1 - Postal - «Coimbra - O Gaiteiro - Aldeias». Local de Edição: Coimbra. Ano de Edição: 191... Edição nº 84. Editor: Papelaria Borges - Coimbra.

¹ A título de exemplo, pode consultar-se, nas páginas 32 e 33 da revista *Gaita de Fole(s)*, nº 1, 2001, publicada pela Associação Gaita de Foles, sobre a sua utilização em Nisa na primeira metade do século XIX, com base na obra de José Diniz da Graça Motta e Moura intitulada «Memória Histórica da Notável Vila de Niza», de 1855. Aí o autor descreve a Festa de São Pedro que todos os anos tinha lugar naquela vila do Alto Alentejo: «Ordena-se o preito pelas tres horas da tarde da vespera em casa da festeira, d'onde sae: vem precedido por um tambor, que bate a marcha, e um pifano ou gaita de foles, (...)»

Outra referência, do século XIX, à gaita de fole no Alentejo é feita por Baltazar Mouzinho de Vasconcelos Almada num artigo publicado em 1858 no «Almanach de Lembranças Luso-Brasileiras». O seu tema é a «Romaria de S. Luiz Rei de França» que tinha lugar todos os anos a vinte e cinco de agosto numa capela em honra desse santo que existia nos arredores da vila de Montemor-o-Novo. Reproduzimos desse artigo o seguinte excerto: «Consiste em missa cantada, sermão, arraial, bailiques ao som da clássica e antiga gaita-de-foles ou tambor e pifano, cujo tocador costuma trazer a cabeça amarrada com um lenço.»

² Ver obra *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, publicada pela primeira vez em 1964, pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.



Fig. 2 – Postal – «Coimbra – O gaiteiro – Costume dos arrabaldes». Local de Edição: Coimbra. Ano de Edição: 190... Edição n.º col. A, 81. Editor: Papelaria Borges – Coimbra



Fig. 3 – Gaiteiros na Praça do Município de Ansião, em 1902. Da coleção de Renato Freire da Paz, que nos prestou todos os dados sobre esta imagem. Fotografia tirada pelo seu bisavô paterno, Manuel Freire dos Santos, na frente da casa dos seus avós, na Praça do Município de Ansião, onde esteve instalada a «Mercearia e Foto Paz». Na imagem temos os seus tios avós «Alfredo Freire dos Santos à bandeira, em cabelo, e Emídio Freire dos Santos, relojoeiro de Ansião, à sua direita, prestes a atihar o rastilho do foguete, de barrete». Julga ter sido tirada por ocasião da festa da padroeira de Ansião, Nossa Senhora da Conceição, a 8 de Dezembro. A imagem indicia que os gaiteiros actuavam em contexto de peditório pois, naquela época, as oferendas não eram feitas em dinheiro mas sim em géneros, geralmente produtos da terra, que eram recolhidos pelos mordomos em grandes sacas, como as que se podem ver às costas dos dois homens de chapéu de aba larga.

e concelhos que não confinavam com o de Coimbra nem administrativamente se inseriam no mesmo distrito, como Pombal.

Gaiteiros na Região de Coimbra

A análise sumária que aqui faremos sobre os gaiteiros e os seus contextos de participação abrange apenas o intervalo temporal que vai de meados do século XIX até à actualidade.

Nesta região contactámos ou temos notícia de instrumentistas de grupos de gaiteiros, seja tocadores de gaita de fole, caixa ou bombo, originários dos concelhos de Coimbra, Penacova, Mealhada, Anadia, Cantanhede, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Soure, Penela, Miranda do Corvo, Castanheira de Pêra, Vila Nova de Poiares, Condeixa-a-Nova, Pombal e Leiria

Também contactámos ou tivemos notícia de tocadores de uma área a norte desta região, de concelhos como os de Ílhavo, Aveiro, Albergaria-a-Velha, Estarreja, Oliveira do Bairro e Águeda. Aqui o conjunto instrumental tinha a mesma constituição que na Região de Coimbra e terá sobrevivido até ao final do século XX, apenas no concelho de Albergaria-a-Velha.

Nas zonas até agora mencionadas, no período de referência, este conjunto instrumental integrava permanentemente gaita de fole, caixa e bombo.

A sul da Região de Coimbra, numa zona que apenas por simplificação poderemos apelar de ribatejana, pelo menos até à década de 1980 este conjunto instrumental sobreviveu na formação de apenas dois elementos: um tocador de gaita de fole e outro de tambor (**Figura 3**), que é mais antiga que o trio de gaiteiros já com bombo, tema que será desenvolvido adiante. Segundo informação por nós coligida, principalmente a partir de testemunhos directos recolhidos nos concelhos de Pombal, Figueiró dos Vinhos, Tomar e Abrantes, esta zona teria um limite a norte atravessando o concelho de Pombal, entre a sede de concelho e Abiul, e incluía pelo menos áreas dos concelhos de Pombal, Ourém, Tomar, Torres Novas, Ansião, Alvaiázere, Figueiró dos Vinhos, Ferreira do Zêzere, Santarém, Abrantes e Sardoal. Dissemos que nesta área sobreviveu a constituição mais antiga dos grupos de gaiteiros de apenas dois elementos, um tocador de gaita de fole e outro de tambor, que terá sido aí a predominante até meados do século XX. Porém, junto de gaiteiros desta zona, nomeadamente de grupos dos concelhos de Tomar e Figueiró dos Vinhos, recolhemos a informação de que por vezes estes actuavam acompanhados por um tocador de bombo. Nestes casos, o tocador de bombo integrava o grupo excepcionalmente, apenas quando especificamente solicitado pelos festeiros³ e estes estivessem dispostos a pagar o acréscimo de custo de mais um instrumentista. Isto porque os tocadores de gaita de fole e tambor não aceitavam fazer contratos para três tocadores pelo mesmo preço que para dois, na medida em que isso iria resultar num decréscimo de dividendos para cada um.

Na Estremadura a Norte do Tejo⁴, a gaita de fole foi documentada tocando sozinha pelo menos a partir de meados do século XX. Contactámos ou tivemos notícia de tocadores de gaita de fole originários de diferentes pontos da Estremadura a norte de Lisboa que tocavam regra geral este instrumento a solo. Por exemplo, dos concelhos de Porto de Mós, Óbidos, Peniche, Lourinhã, Bombarral, Torres Vedras, Mafra e Sintra. Contudo, existem indícios de que nesta região a gaita de fole seria anteriormente acompanhada por um tambor, talvez até finais do século XIX, tendo-se extinguido o seu uso sem que se lhe tenha chegado a juntar o bombo. Os indícios são constituídos por registos como, por exemplo, a notícia publicada em Setembro de 1895, no jornal de Torres Vedras «A Semana», sobre o Círio de Santa Helena: «Um grupo de rapazes d' esta villa [Torres Vedras] projectam para o dia 23 uma romaria a Santa Cruz, levando por música a tradicional gaita de folles e um tambor.»

³ Termo usado em algumas zonas para designar os mordomos.

⁴ Na Estremadura, a sul do Tejo, ou seja, na península de Setúbal, onde a gaita de fole ainda hoje é tocada pelos últimos tocadores tradicionais, existe uma realidade distinta da do resto da província, que não é possível aqui desenvolver.

É de realçar que as zonas aqui definidas pelos referidos concelhos correspondem a zonas de origem ou residência dos gaiteiros, e não de participação em festejos, pois os grupos não actuam apenas na sua vizinhança, chegando a percorrer distâncias apreciáveis, mesmo há décadas, quando os transportes estavam menos disponíveis e eram menos fáceis. Por exemplo, na área por nós apelidada de ribatejana, à medida que iam desaparecendo os últimos tocadores da zona, talvez desde meados do século XX, os gaiteiros da Região de Coimbra iam sistematicamente passando a ocupar o seu lugar, tanto nas festas maiores, como a famosa Festa dos Tabuleiros, em Tomar, como nas de pequenos lugares.

É também de ressaltar que com a utilização, por uma questão de ordem prática, dos concelhos como unidade de área, não se pretende indicar que os limites desses municípios definem fronteiras entre realidades distintas no que diz respeito aos gaiteiros e aos seus usos e costumes que, naturalmente, não atendem a divisões administrativas. É prova e exemplo disso mesmo a já referida linha entre áreas onde o conjunto instrumental integrava ou não tocador de bombo permanente, que intersectava e dividia o território do concelho de Pombal.

Por outro lado, os limites indicados, entre áreas de gaiteiros com diferentes práticas, não são estáticos, estando sujeitos a evolução ao longo do tempo. É disto ilustrativo o mencionado caso da linha entre áreas onde o conjunto instrumental integrava ou não tocador de bombo permanente, que de facto atravessava o território do concelho de Pombal, entre a sede do concelho e Abiul, eventualmente até à década de 1970. Mas a partir de cerca de 1974 se terá deslocado para sudeste, pois surgiu nessa mesma freguesia de Abiul um grupo, já integrando permanentemente bombo, que não temos a certeza se seria o único conjunto então em actividade nessa freguesia, mas que com alguma segurança podemos dizer que seria o único em actividade no ano 2000. Portanto, neste ano a linha de delimitação tinha-se deslocado para sudeste, ficando todo o território do concelho de Pombal integrado na área do conjunto instrumental de trio de gaiteiros.

Em relação aos concelhos que ficam no limite das duas áreas da Região Centro em que os grupos de gaiteiros integravam ou não o bombo permanentemente, a sua inclusão numa ou na outra área foi feita tendo em conta a informação de que dispomos neste momento, sendo em alguns pontos passível de ser revista. Se em relação a alguns concelhos que ficam nesse limite, como o de Pombal, os dados são firmes, graças ao contacto que mantivemos com informantes em diversos pontos do município, noutros concelhos os dados não permitem conclusões fechadas. Por exemplo, no concelho de Castanheira de Pêra só temos dados sobre um grupo em actividade no século XX, o qual tocava permanentemente em trio, que se terá formado o mais tardar na década de 1920 e parou na década de 1950. O gaiteiro era de Pêra e os percussionistas do Pisão. Contudo poderá ter-se aí verificado um fenómeno análogo ao que ocorreu em Pombal, ou seja, é possível que noutros lugares do concelho Castanheira de Pêra ainda então sobrevivesse um grupo de duo de gaiteiros.

Em toda a documentação, que conhecemos e temos presente, de até meados do século XIX, a gaita de fole nunca aparece acompanhada por um bombo, surgindo normalmente apenas assistida por um tambor. Mesmo nas zonas atrás referidas, e noutras zonas de Portugal, em que a grupos de gaiteiros foram registados no século XX integrando tambor e bombo, segundo fontes quer textuais⁵ quer iconográficas, pelo menos até meados do século XIX os grupos dessas zonas eram constituídos apenas por gaita de fole e tambor, o que comprova que esta formação é anterior ao trio de gaiteiros, tal como afirmámos atrás. De facto, a utilização desse membranofone pelos grupos de gaiteiros não será, com grande probabilidade, anterior a meados do mencionado século, por razões que iremos abreviadamente apresentar.

⁵ A título de exemplo, pode consultar-se a revista *Gaita de Fole(s)*, nº 1, 2001, publicada pela Associação Gaita de Foles. Na página 39, em relação ao concelho de Águeda, no início do século XIX, e nas páginas 34 e 35, sobre Braga, no início do século XVIII.

Na obra «História da Música Militar Portuguesa»⁶, o bombo aparece referenciado apenas em finais do século XVIII e de modo excepcional. Por exemplo, da página 24 extraímos a seguinte transcrição sobre uma gravura aí editada: «A constituição dos agrupamentos de músicos militares é testemunhada pela curiosa gravura de 1793, que representa um agrupamento constituído por 9 músicos: uma Flauta, dois Oboés, um Fagote, um Clarim ou Trombeta, duas Trompas, um Tambor e um Bombo.» Essa imagem evidente de um bombo é de salientar pois, segundo esta obra, até aos finais desse século os instrumentos de percussão referenciados no meio militar são abundantemente os tambores e, no caso da cavalaria, os timbales. A grande difusão do bombo terá sido determinada, ou pelo menos muito estimulada, a partir do início do século seguinte, pela ordem oficial para integrar esse instrumento nos conjuntos instrumentais de todos os regimentos de infantaria: «Logo no início de século XIX através do decreto-lei de 20 de Agosto de 1802, foi determinada a constituição em cada Regimento de Infantaria, de um agrupamento de 11 músicos, constituído por 1 Fagote, 3 Clarinetes, 2 Trompas, 1 Flautim, 1 Clarim, 1 Zabumba, 1 par de Pratos e 1 Caixa de Rufo.» Depois da publicação deste decreto-lei em 1802, o bombo passou a ser sempre obrigatoriamente incluído na formação destes conjuntos instrumentais.

“Zabumba” é uma designação do instrumento que parece ter precedido temporalmente os termos “bombo” e “bumbo”. Aparece em 1836 no «Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza», de Francisco Solano Constancio: «Zabumba, s.m. (voz imitativa) tambor mui grande e sonoro usado na musica militar. *Tocar*...» Apesar de “bombo” e “bumbo” não constarem desse dicionário, aparecem termos relacionados: «BUMBA, s. f. (voz imitativa), baque, pancada, tunda; it. interjeição, bumba ! lá deo baque.» E também: «REBOMBAR, v. abs. ou n. (rebombo, voz imitativa), soar como o echo do trovão ou de grande massa de agua cahindo em pégo.» E ainda: «REBOMBO, s. m. (voz imitativa), echo de som atoador, como o do trovão ou das ondas propellidas com força, e rebatido por penedos, rochas concavas, etc. (“Inda o Marcio rebombo atroa os valles”, Bocage), da artilharia.»

O tema das bandas filarmónicas em Portugal é desenvolvido na obra intitulada «História da Música Popular em Portugal», da autoria de Pedro de Freitas, publicada em 1946. Aí o autor considera que as bandas civis, que eram formadas à imagem e semelhança das bandas militares, não terão começado a surgir em Portugal antes de 1834.

Existem diversos registos da segunda metade do século XIX que atestam que as bandas civis, também designadas por filarmónicas, eram contratadas para abrilhantar as festas patronais. A título de exemplo, transcrevemos do jornal Defensor do Povo, de 2 Outubro 1892, da secção intitulada «Ferreira do Zêzere»: «Em 9 do corrente effectuou-se com toda a sumptuosidade uma festa em S. Pedro do Rego da Murta⁷, feita pelo parochio da freguesia, o nosso amigo o sr. João Alves das Neves. (...) Houve missa a grande instrumental, desempenhando-se brilhantemente a phylharmonica carvilense. Parabens ao seu mestre.»

A participação coincidente das bandas filarmónicas e dos gaiteiros em inúmeras festas patronais também está abundantemente documentado na imprensa regional e continua a ocorrer actualmente em pleno século XXI. Transcrevemos apenas alguns dos numerosos registos. Na «Gazeta de Coimbra» de 28 Outubro 1911, pode ler-se um artigo intitulado «Festividades»: «Amanhã, no logar de Bera, freguesia de Almalaguez⁸, efetua-se uma festa em honra de Santo António, (...) A festividade é abrilhantada pela conhecida Filarmonica Taveirense e por dois afamados Zés P'reiras⁹.» Na «Gazeta de Coimbra» de 13 de Setembro de 1924, num artigo com o programa das festas em honra do Sagrado Coração de Maria, nas Lages, pode ler-se: «Domingo,

⁶ Obra da autoria de Pedro Marquês de Sousa, edição da Tribuna da História, Lisboa, 2008.

⁷ Rego da Murta era o nome de uma freguesia do concelho de Alvaiázere.

⁸ Freguesia do concelho de Coimbra.

⁹ O termo «Zé Pereira» usado na Região de Coimbra refere sempre um grupo de gaiteiros, e nunca um grupo de numerosas percussões com ou sem gaitas de fole, como os que existem no norte de Portugal, de onde com toda a certeza foi trazida a designação. O próprio termo é residualmente utilizado na região de Coimbra pelos membros destes grupos, aparecendo com alguma frequência na imprensa.

28. – (...) Às 8 horas o gaiteiro Zé Melo dá a volta ao lugar, e às 9 horas é a chegada da Filarmonica de Taveiro que também percorrerá o lugar.» Outro ainda, na Gazeta de Coimbra de 30 de Maio de 1925, num artigo intitulado «Festa do Espírito Santo em Eiras¹⁰»: «Nos dias 30, 31 de Maio e 1 de Junho, constando de Filarmonica do Barcouço, Zé Pereira, fogo á moda do Minho e outros foguetes.»

A participação coincidente destes dois tipos de conjuntos instrumentais nas mesmas festas patronais terá sido um dos contextos que propiciou a apropriação de elementos das bandas filarmónicas pelos gaiteiros. A existência de instrumentistas que integravam uma banda filarmónica e também um grupo de gaiteiros, em simultâneo ou em alturas distintas da vida, terá sido outro factor propiciador.

Temos notícia e conhecimento directo de tocadores de gaita de fole que integraram bandas filarmónicas, onde tocavam outros instrumentos. Isto ocorreu por, exemplo, na Região Centro, tanto na área apelidada de ribatejana como na área coimbrã, e na Estremadura, o que não ajuda a explicar o motivo por que não foi uniforme em termos territoriais a integração do bombo nos grupos de gaiteiros.

Como aludido, houve diversos gaiteiros que integraram bandas filarmónicas na Região Centro tocando outros instrumentos. E é possível que nesta região também tenha ocorrido o fenómeno registado em outros pontos de Portugal, onde gaiteiros integraram bandas filarmónicas, tocando mesmo gaita de fole. No jornal «Flor do Tâmega», sediado em Amarante, na sua edição de 2-6-1912, o correspondente de Penafiel informava sobre o programa das festas do Corpo de Deus para esse ano: «Ao meio-dia do dia 5 será anunciada a véspera com uma girândola de cem foguetes, seguindo a banda de música de Paços de Ferreira, com o seu picaresco homem da gaita de fol, as ruas da cidade.»¹¹ E houve bandas filarmónicas que não só integravam a gaita de fole, como tiveram origem num grupo de gaiteiros aos quais se foi juntando outros instrumentos até configurarem formalmente uma banda desse tipo. Na dissertação apresentada em 2009 por Maurício Paulo Soares da Costa à Universidade de Aveiro, intitulada «Metodologias de Ensino e Repertório nas Filarmónicas de Valpaços», o autor escreve sobre a banda de Sonim: «A Banda de Sonim está sedeada na aldeia e freguesia do mesmo nome, pertencente ao concelho de Valpaços, no edifício da Casa do Povo. A sua origem, segundo recolha efetuada na aldeia, junto de alguns habitantes mais idosos, com idades compreendidas entre os 80 e 96 anos, provém, mais ou menos, de há 150 anos. A Banda começou com gaitas de foles, caixas, bombos e pratos, daí que, ainda hoje, seja, muitas vezes, apelidada de Gaiteiro de Sonim. Com o decorrer dos anos, foi incluindo alguns instrumentos de sopro, palhetas e bocais. Mas foi só por volta do ano 1900 que surgiu como agrupamento musical com outra exigência, regida então maestro José Maria Bandilha e tendo como executantes alguns dos antepassados que integram a Banda atual.»

Pelo exposto até aqui se depreende que a integração dos bombos nos grupos de gaiteiros aconteceu com toda a certeza no século XIX e com toda a probabilidade a partir de meados desse século. Isto tendo em conta vários factores. Por um lado, a integração do bombo nos conjuntos instrumentais dos regimentos de infantaria, determinada oficialmente em 1801, terá tido um papel relativamente limitado na difusão do instrumento devido ao número de bandas e também em termos geográficos. Enquanto a partir de 1834, com o início do surgimento das numerosas bandas civis, não só em cidades maiores e sedes de concelho mas também em muitas sedes de freguesia, é que o bombo principiou a ganhar um número muitíssimo significativo de agentes difusores e uma intersticial abrangência geográfica. Por outro lado, até meados do século XIX, o número de bandas civis era relativamente reduzido. E para além do mais, a ideia da integração desse instrumento nos grupos de gaiteiros poderá não ter surgido logo num primeiro momento do contacto destes com as bandas filarmónicas.

¹⁰ Freguesia do concelho de Coimbra.

¹¹ Segundo transcrição de José Alberto Sardinha na sua obra «Danças Populares do Corpus Christi de Penafiel», publicada em 2011 pela Tradisom.

Na segunda metade do século XIX encontra-se referência explícita ao uso do bombo nos grupos de gaiteiros da Região Centro. No «Almanak Aveirense para 1896 – Á Beira-Mar», Diniz Gomes (1872-1952, Ílhavo) escreveu um artigo no qual presta as suas homenagens a um gaiteiro de Ílhavo que refere por «Ti Tapisso» ou por «senhor Rocha», que terá nascido cerca de 1822. Aí indica que este tocava «pífano» e «gaita de folles» e era acompanhado por «tambores e bombo».

Um postal datado de 1885 mostra um conjunto instrumental, que integra bombo de cordas, tarola e pífaro, tocando no adro da Capela de Nossa Senhora do Rosário, em Ílhavo, enfeitado por ocasião de alguma festa.¹²

É altura de referir que apesar de neste texto quando se menciona “os gaiteiros” estar-se sempre a referir um conjunto cujo instrumento melódico é a gaita de fole, esta designação também é popularmente aplicada na Região Centro a grupos que utilizam outros instrumentos melódicos. Na aceção popular, uma “gaita” é um aerofone de insuflação com a boca, seja indirecta, como as gaitas de fole, seja directa, como os clarinetes ou as flautas travessas, estas últimas também designadas por “pífaros¹³”, ou, antigamente, por “pífanos”. Assim, a designação “gaiteiros” também é aplicada a grupos que integram esses instrumentos no lugar da gaita de fole, geralmente acompanhado por um tocador de caixa e outro de bombo.¹⁴ Havia mesmo grupos de gaiteiros que, nas festas em que participavam, tocavam dois instrumentos melódicos, gaita de fole e pífaro, alternadamente, conforme o contexto ou a vontade do instrumentista.

São diversos os registos fotográficos de início do século XX apresentando grupos de gaiteiros com bombo. Por exemplo, o postal de década de 1900 aqui publicado com a legenda: «Coimbra – O gaiteiro – Costume dos arrabaldes». E a fotografia publicada na Ilustração Portuguesa de 5 de Junho de 1905, que retrata a participação de um grupo de gaiteiros nos festejos do Enterro do Grau. E ainda o postal da década de 1910 também aqui publicado com a legenda «Coimbra – O Gaiteiro – Aldeias».

A integração permanente do bombo nos grupos de gaiteiros da zona norte desta região, nomeadamente da zona coimbrã, e a integração excepcional do bombo nos grupos de gaiteiros da zona sul desta região, nomeadamente da zona “ribatejana”, poderão ter ocorrido em simultâneo. Ou, talvez a integração do bombo nos grupos de gaiteiros tenha ocorrido previamente na zona norte da Região Centro, tendo em conta a sua assimilação permanente nos conjuntos desta zona e atentando também a um aparente movimento de progressão de norte para sul da integração permanente do bombo nos grupos de gaiteiros da zona “ribatejana”, que ocorreu em poucos grupos dado ter aí entretanto ocorrido o quase desaparecimento deste tipo de conjunto instrumental.

Relembremos sucintamente. Em termos de distribuição geográfica, tinha-se então na Região Centro de Portugal duas zonas com grupos de gaiteiros de constituição instrumental distinta. Uma a sul, onde sobreviveu a formação mais arcaica de dois elementos, gaita de fole e tambor, e em que sobreviveu a designação deste último instrumento por este nome. Outra mais a norte, onde ao duo gaita de fole e tambor se veio juntar o bombo e onde o tambor se passou a designar por “caixa”, ambos elementos dos quais os gaiteiros se terão apropriado a partir das bandas filarmónicas, mas que não terão sido os únicos pois é sabido que, pelo menos, assimilaram também peças de repertório.

¹² Neste postal pode ler-se: «Ílhavo 12 – Capella de Nossa Senhora do Rosario, DCCCLXXXV – Cliché de A. M. Lopes – Pap. e Typ. de Paulo Guedes & Saraiva, Aurea, 80, – Portugal – Lisboa.»

¹³ Este nome é usado tanto para referir flautas travessas de cana ou sabugueiro como para referir os flautins, também usados nas bandas filarmónicas.

¹⁴ Este conceito popular de grupo de gaiteiros não aceita alguns aerofones, como os instrumentos de palheta livre, designadamente concertinas e acordeões, nem mesmo alguns de insuflação com a boca, como o saxofone. A título de ilustração, pode consultar-se o texto Os Litipiros, na página 27 da revista Gaita de Fole(s), nº 1, 2001, publicada pela Associação Gaita de Foles. Aí o tocador de clarinete de um destes grupos de gaiteiros indica os instrumentos melódicos que na sua opinião permitem ou não a classificação de um conjunto como “gaiteiros”.

Festas Patronais

Na Região de Coimbra este conjunto instrumental surge sobretudo em diferentes contextos relacionados com as festas patronais, regra geral realizadas anualmente, que constituem festejos populares em que, na maioria dos casos, uma povoação celebra o patrocínio de uma entidade, normalmente de um santo ou de uma santa (**Figura 4**).



Fig. 4 – Postal – «Portugal – Coimbra (Arredores) Zés Pereiras.»

«Cliché de E. Portugal – Lisboa, Edição da Comissão de Iniciativa de Alcoçaba, N° C 40» é o que se pode ler no verso deste postal. Segundo António Lopes, da Associação Portuguesa de Arte Fotográfica, Eduardo Macedo d’Elvas Portugal (1900-1958) iniciou a sua actividade como fotógrafo em 1919. Esta fotografia poderá então ser da década de 1920 até à década de 1950.

Geralmente os gaiteiros aparecem nos dias das festividades fazendo arruadas, ou seja, tocando pelas ruas da terra anunciando a festa e levando-a a todos os lugares, se necessário guiados por um mordomo. Quando interpelados a partir de uma casa, geralmente aproximam-se, param à sua porta, entabulando conversa, por vezes entrando, bebendo uma sempre oferecida “pinga”, ocasionalmente “petiscando”, convivendo, animando os anfitriões, levando os festejos ao interior das casas. Porém a arruada tem de continuar, e o grupo reinicia a marcha tocando outra “moda”... Mas eis que alguém assoma a uma janela e os saúda... E mais um convite...

A primeira arruada do dia era designada por “Alvorada”, na qual era interpretado um tema designado pelo mesmo nome. Esses temas constituirão um género exclusivo da gaita de fole, que também é muito significativo por ter sido interpretado por gaiteiros noutras zonas de Portugal (Estremadura, Ribatejo, Trás-os-Montes...) e do noroeste da Península Ibérica, sendo claras as suas semelhanças rítmicas e melódicas. Na Região de Coimbra, nessa arruada matutina, para além da “Alvorada”, era usado um outro género, designado por “Passo dobrado”, que parece ter sobrevivido apenas no repertório dos gaiteiros desta zona, dos quais constitui tema emblemático. Por ser interpretado frequentemente nessa primeira arruada da manhã, ou seja, cumprindo a função de alvorada, era por vezes também designado por esse nome, “Alvorada”, originando alguns equívocos na designação deste género por alguns coletores do repertório destes gaiteiros. E o facto de tanto o género Alvorada como o Passo dobrado serem interpretados em contexto de arruada levou a que também fossem identificados por vezes simplesmente por este nome, “Arruada”.

Em diversas festas patronais, os gaiteiros podiam ser vistos, como ainda hoje, nos peditórios, percorrendo as ruas a tocar, acompanhando os mordomos que recolhem as oferendas.

Antigamente estas não eram em dinheiro mas sim em géneros, geralmente produtos da terra, que eram recolhidos pelos mordomos em grandes sacas. Estas eram depois carregadas em carros puxados por homens ou mesmo em carroças. Quando faziam o peditório, os mordomos levavam um pendão com a representação do patrono, vulgarmente designado por “bandeira”, mas este costume caiu em desuso e apenas ainda é praticado num número muito restrito de lugares. Acontecia também os mordomos, além de serem anunciados pelos gaiteiros, contratarem um fogueteiro para os acompanhar. Estes peditórios constituem um certo tipo de arruada em que os gaiteiros também cumprem a função de assinalar aos habitantes a aproximação dos mordomos a cada casa para recolher a esmola. É de notar que, nas acima referidas arruadas simples, em termos de interacção dos gaiteiros com os habitantes da terra em suas casas, o convívio tem um carácter pontual e imprevisto, resultando de um convite espontâneo vindo de uma qualquer casa. Enquanto nos peditórios essa interacção tem um carácter sistemático e muito mais intenso, uma vez que regra geral os mordomos vão bater à porta de todas ou quase todas as casas, onde são aguardados habitualmente de mesa posta com comes e bebes, para onde se dirigem os mordomos, os gaiteiros, o fogueteiro se houver, gerando um contexto de animado convívio festivo ajudado pela comida e pelas bebidas, especialmente as de produção caseira.

As arruadas eram ocasiões que proporcionavam com alguma frequência breves bailes espontâneos ao som dos gaiteiros. Nos numerosos relatos sobre este tipo de ocasiões, que recolhemos junto de tocadores, é comum a referência à iniciativa feminina destes bailes pois, regra geral, eram as mulheres que, ao ouvirem os gaiteiros à distância, se aproximavam e acabavam junto destes a dançar alegremente umas com as outras, enquanto geralmente os homens aderiam num segundo momento e em menor número. Estas ocasiões proporcionavam-se, por exemplo, quando os gaiteiros se detinham uns instantes em algum ponto do percurso. Mas se elas apareciam junto dos gaiteiros encontrando-os em movimento, normalmente estes correspondiam detendo-se por algum tempo. Também acontecia, quando os gaiteiros reiniciavam a marcha, ou tendo sido encontrados em movimento, serem acompanhados em parte do seu percurso pelo baile rua fora.

Nas festas patronais, os gaiteiros eram geralmente a música contratada para todos os seus eventos, incluindo os bailes. À medida que se recua no tempo, são mais frequentes e comuns os relatos e registos dos gaiteiros como acompanhamento musical dos bailes. A título de exemplo, no jornal *Gazeta de Coimbra* de 13 de Setembro de 1924, num artigo com o programa das festas em honra do Sagrado Coração de Maria, nas Lages¹⁵, pode ler-se: «Sábado, 27. – Pelas 6 horas da manhã será anunciada a festa por uma salva de 21 tiros, e às 17 horas é esperado o já conhecido gaiteiro José Melo que fará exibir o seu afamado reportório, acompanhado de danças populares, que se prolongarão até de madrugada. (...)» Em sentido inverso, à medida que se avança no tempo, os gaiteiros foram deixando de desempenhar essa função para a qual, por motivos socioculturais, passaram a ser contratados grupos de baile específicos para esse efeito. Esse processo foi gradual e progressivo, tendo nós recolhido testemunho de gaiteiros que nos afiançaram que durante toda a década de 1940 o seu grupo era contratado para todo o acompanhamento musical da festa, incluindo bailes. A partir da altura em que nos festejos de um certo lugar se passava a contratar um grupo específico para o baile, os gaiteiros que eram ajustados para essa festa passavam a ser apenas ocasionalmente contratados oficialmente para o baile, como solução de recurso, por vezes de última hora, quando a comparência de um conjunto de baile por algum motivo não era possível, casos em que os gaiteiros cobravam mais algum dinheiro por esse acréscimo de serviço.

Actualmente ainda é possível assistir aos gaiteiros tocando nas procissões que decorrem no âmbito das festas patronais. Geralmente estas consistem em cortejos religiosos em marcha solene pelas ruas da povoação, na frente dos quais segue uma “bandeira”, também designada por “guião” ou “pendão”, com a imagem do Padroeiro, e por ordem sucessiva os membros de uma irmandade, imagens escultóricas de santos carregadas em andores, um elemento do clero,

¹⁵ Lages é um lugar actualmente inserido na zona urbana de Coimbra, na freguesia de Santa Clara.

Fig. 5 – Postal – «Festa da Nossa Senhora da Nazaré, Portugal, Coimbra, Ribeira de Frades, 1970»
Michel Giacometti. Museu da Música Portuguesa – Casa Verdades de Faria – Câmara Municipal de Cascais. Pode ver-se a “bandeira” da santa e à frente o grupo de gaiteiros da Ribeira de Frades conhecido por Os Corinos (pronunciado “Córinos”). Segundo identificação feita graças a gentes da terra, na imagem tem-se José Corino na gaita de fole, Joaquim Corino na caixa e Duarte Miguel no bombo.



diversos fiéis, e se entoam orações e cânticos. Neste contexto os gaiteiros interpretam sempre temas de carácter religioso, que designam por “versos”, os quais por vezes podem ser ouvidos em uníssonos com o cântico dos fiéis.

Nas procissões em que os grupos de gaiteiros participam, normalmente constituem o único acompanhamento musical, seguindo regra geral na dianteira, junto à bandeira (Figura 5), normalmente à sua frente. Mas também acontece os gaiteiros e uma banda filarmónica integrarem o mesmo cortejo, caso em que os gaiteiros seguem por regra na posição referida, enquanto a banda filarmónica segue atrás do pátio sob o qual se desloca o padre. Quando a procissão com gaiteiro não integra banda filarmónica, em algumas festas existe o costume de posicionar os gaiteiros tocando junto ao padre, habitualmente atrás deste.

O acompanhamento musical da procissão pelos gaiteiros é geralmente feita pelo grupo completo, gaita de fole, caixa e bombo, contudo existem casos excepcionais de festas em que apenas o tocador de gaita de fole é solicitado e autorizado para integrar o cortejo.

Em alguns lugares, os gaiteiros são solicitados para integrarem cortejos em que, fora do âmbito da procissão da festa, se transporta a imagem de um santo de um local para o outro, como seja de uma igreja, onde costuma estar guardada, para uma capela (de onde vai sair na procissão) e mais tarde no percurso inverso. São cortejos mais informais que o da procissão da festa, nos quais não segue nenhum elemento do clero, e onde se pode ouvir “versos” ou “modas”, consoante o requerido pelos mordomos, ou, caso estes não se manifestem, consoante o que aprovar ao gaiteiro. Por vezes até se pode ouvir os dois tipos de temas no mesmo cortejo, os “versos” na proximidade dos templos e “modas” no restante trajecto. Em alguns lugares este evento é designado por “levantar a imagem”.

Outro contexto em que os gaiteiros podem ser ouvidos é o da “entrega da bandeira”, que varia de lugar para lugar, mas de um modo geral consiste na passagem de testemunho, “a bandeira”, pelo “juiz” da festa desse ano a alguém que se comprometeu a organizar a do ano seguinte, o “juiz novo”. Em algumas festividades os gaiteiros são solicitados para tocar no cortejo de “entrega da bandeira” e por vezes também durante o ritual da entrega. Por exemplo, no último dia da festa, na casa do “juiz” é posta uma mesa com comes e bebes, de onde parte o cortejo no qual o gaiteiro vai a tocar até à capela, na frente da qual é de facto entregue a bandeira ao “juiz novo”, também ao toque do gaiteiro. Esse acompanhamento musical ao cortejo continua até à casa do “juiz novo”, onde são recebidos por nova mesa posta com comes e bebes. Como referido, isto é um exemplo, pois este ritual pode assumir outro formato. Quanto ao tipo de repertório, também é variável. Tanto se pode ouvir “versos” como “modas”, conforme o solicitado pelos mordomos,

ou, caso estes não se manifestem, consoante o julgamento do gaiteiro. Em alguns lugares até se pode ouvir os dois tipos de temas no mesmo cortejo: os “versos” na proximidade da igreja ou capela e “modas”, ou seja, “música de festa”, no restante percurso.

O tocador de gaita de fole, a solo, sem tambor nem bombo, constituía o acompanhamento musical da missa em dias de festa. Isto acontecia quando o gaiteiro era solicitado pelos mordomos, naturalmente em consonância com o pároco. Para este contexto existia um repertório próprio que era exclusivamente interpretado nessas ocasiões. Estas missas musicalmente acompanhadas pelo gaiteiro foram deixando de ocorrer progressivamente até se encontrarem extintas provavelmente por meados do século XX. Logo, esses temas específicos deixaram de se ouvir, apesar de alguns gaiteiros ainda os saberem interpretar. Desse repertório, um tema em particular é o mais registado e referido, quer pelos próprios tocadores de gaita de fole quer por quem os ouviu dentro de uma igreja, que é o chamado toque “A Santos”. Tanto assim que quase sempre nos dizem que certo gaiteiro “tocava A Santos”, quando nos querem transmitir que ele tocava na missa. Este tema foi registado para o programa televisivo Povo que Canta, de Michel Giacometti. No episódio intitulado «Música Instrumental Popular», produzido em 1970, o gaiteiro Eduardo Carvalho (1927 – 2009, Ribeira de Frades, Coimbra) toca uma versão deste tema depois de a locução o apresentar: «Vamos ouvir agora o *Sanctus*, música que os gaiteiros, da Estremadura à Beira Litoral, Minho e Trás-os-Montes, tocavam na missa, na parte incluída entre o prefácio e o cânone. Interdito pela igreja, o costume caiu em desuso nestes últimos vinte anos.»¹⁶

Transcrevemos de seguida uma descrição das missas em dia de festa, com a participação do gaiteiro, tal como decorriam durante a segunda metade do século XIX numa vila da Região Centro, em Ílhavo. Fazemo-lo pela sua raridade e por certificar informação relevante sobre este tema. Confirma a exclusão da gaita de fole das cerimónias realizadas no interior da igreja por acção do clero. E acrescenta que, mesmo depois desta exclusão, se manteve a tolerância dos gaiteiros nas procissões integradas por membros do clero, que ocorre até hoje em diversos lugares da Região Centro, principalmente na Região de Coimbra. Passemos, então, à preciosa descrição de Diniz Gomes constante da sua obra intitulada «Costumes e Gente de Ílhavo», publicada em 1941 pela Tipografia Comercial – Anadia¹⁷:

¹⁶ No mesmo episódio pode ver-se o mesmo gaiteiro tocando um fandango, mas neste caso acompanhado pelas percussões. Noutro episódio, intitulado «Música de Passatempo», produzido em 1970, pode ouvir-se Eduardo Carvalho interpretando o Passodobrado. Um acervo de registos áudio, em fita magnética, realizados por Michel Giacometti, encontra-se depositado no Museu Nacional de Etnologia e os ficheiros resultantes da sua digitalização encontram-se disponíveis para audição apenas na respectiva mediateca. Todavia a informação sobre cada registo áudio efectuado na Beira Litoral não se encontra disponível. Como resultado da nossa audição sequencial dos registos, tomámos nota dos da Beira Litoral relacionados com a gaita de fole, os quais têm as referências: 1623 a 1663, 1665 e 1686 a 1690, totalizando quarenta e seis registos. Todos excepto dois contêm temas musicais: os 1643 e 1644, nos quais se pode ouvir Michel Giacometti recolhendo dados junto de membros de grupos de gaiteiros. Foram publicados dois registos áudio efectuados por Giacometti. Um foi realizado na Eira-Pedrinha, na freguesia de Condeixa-a-Velha, e editado com o título «Alvorada» no LP dedicado às «Beiras», pertencente à colecção «Antologia da Música Regional Portuguesa» (Arquivos Sonoros Portugueses / Michel Giacometti, 1970). Na realidade, o tema aí assim intitulado é musicalmente uma versão do Passodobrado. O outro registo foi realizado na Barreira, na freguesia de Condeixa-a-Nova, e publicado sob o título «Arruada» num dos discos pertencentes à colecção «Pequena Antologia da Música Regional Portuguesa» (Philips, 1971). Na realidade, o tema aí assim intitulado é musicalmente uma Alvorada. Para além dos registos mencionados, foram publicados, pela editora Sons da Terra, de Mário Correia, discos CD monográficos de gaiteiros da Região de Coimbra. Em 2000 de Flaminio Almeida, de Casal da Misarela, Coimbra. Em 2004 de Eduardo Carvalho, da Ribeira de Frades, Coimbra. Em 2006 de Joaquim Pereira, da Quinta do Valongo, Mealhada, e de Joaquim Torres, da Póvoa da Lomba, Cantanhede. Em 2013 de Manuel Figueira, do Zambujal, Condeixa. E em 2015 de Fabiano da Cruz, da Póvoa do Garção, Mealhada. A série televisiva da RTP «Povo que Ainda Canta», da autoria de Tiago Pereira, inclui um episódio intitulado «Gaiteiros de Coimbra». Em 2016, esta série foi publicada pela editora Tradisom sob a forma de livro com oito discos DVD.

¹⁷ Num exemplar desta obra, que consultámos na *Biblioteca Nacional de Lisboa*, encontrava-se manuscrito pelo autor: «À Biblioteca Nacional de Lisboa, 27-X-1941, Diniz Gomes».

«Era domingo de festa na terra.

Por êsse motivo os sinos da igreja haviam começado logo de manhã cêdo a badalar, como é costume, anunciando a festividade e chamando o povo para a missa primeira. Dentro em pouco, o templo, amplo e imponente, está completamente cheio de fieis. Pouco depois, surge do interior da sacristia a figura venerando do senhor prior. Ajoelha, cerimoniosamente, apoiando-se aos braços da cadeira abacial, e então em seguida os primeiros compassos do Bemdito, que toda a gente acompanha em côro. Ergue-se vagarosamente; vem junto das grades ler os banhos, e saber se há algum impedimento aos actos matrimoniais que devem realizar-se no fim dos banhos corridos. Prega a seguir a Omília do dia, anuncia as coisas perdidas e achadas durante a semana, e recolhe à sacristia para se paramentar.

Pouco depois está no altar e inicia a missa.

Já lá estava, ao tempo, do lado da Epístola, grave e solene em seu traje festivo $\frac{3}{4}$ jaqueta preta de alamares¹⁸, calça branca e cinta vermelha $\frac{3}{4}$ o senhor Rocha, velho e afamado gaiteiro, que em todas as festas realizadas na freguesia, abrihantava as cerimónias da missa cêdo com os acordes fanhosos da sua obsoleta gaita de foles¹⁹, costume tradicional que os mordomos e o povo não dispensavam por forma alguma.

Do lado do Evangelho, permanecia o juiz da festa, envergando a sua lustrosa opa de sêda escarlate, tendo junto de si um nêdio carneiro, ornamentado com fitas de côres variegadas, e que, terminada a festa, era oferecido ao senhor prior, como esmola, ou paga, dos seus serviços.

Muito custou a acabar com êstes estravagantes e até irreverentes costumes, e só o pôde conseguir com a sua bondade e prestígio, o doutor Pereira Bilhano²⁰, quando parouquia a freguesia, ilhaverse ilustre de boa e santa memória, que mais tarde havia de ser arcebispo de Évora.

O carneiro, deixou de figurar, é certo, nas cerimónias religiosas, e de ser oferecido ao pároco da freguesia, ficando êste a receber, como indemnisação, dois pintos em boa moeda corrente do reino, ou sejam novecentos e sessenta reis, também da época, mas nem por isso o animal deixou de ser comprado e exibido com todos os seus adornos fora da igreja, e comido pelos mordomos depois de feitas as contas e realizadas as entregas dos ramos.

O gaiteiro Rocha, êsse, coitado, ia morrendo de desgôsto ao ser proibido de tomar parte nas missas com o seu desafinado instrumento, embora lhe tivessem dado licença para ajudar a comer o carneiro, e permitido, como reparação, que continuasse a incorporar-se nas procissões, à frente delas, tocando pífano, ajudado pelo seu imponente grupo de tambolineiros. Ainda o vi, muitas vezes, no desempenho dessa honrosa missão.

¹⁸ «Jaqueta» é um casaco curto para homem. No dicionário da *Texto Editores*, um «Alamar» é definido como sendo um cordão de metal ou de requife que garante ou abotoa a frente do vestuário.

¹⁹ É evidente que o entusiasmo de Diniz Gomes em relação à arte do Tapisso, no referido almanaque, editado em 1895, contrasta notoriamente com o espírito das referências que faz ao gaiteiro no ano de 1941, em «Costumes e Gente de Ílhavo». Diniz Gomes pelos seus vinte e três anos de idade descreve o instrumento do gaiteiro de Ílhavo, como emitindo «acordes harmoniosos» enquanto cerca dos seus sessenta e nove anos de idade recorda a mesma gaita de fole como «fanhosa», «obsoleta», «desafinado instrumento», e como emitindo «acordes fanhosos».

²⁰ D. José António Pereira Bilhano viveu entre 1801 e 1890. Segundo informação da Diocese de Évora, este clérigo foi seu arcebispo entre 1871 e 1890. Assim sendo, terá sido em data anterior a 1871 que, em Ílhavo, a participação do gaiteiro na missa foi terminada.

Êste senhor Rocha, era, entre nós, pessoa muito respeitada, e possuidor duns certos pergaminhos artísticos, por quanto fôra músico de pífano em certo batalhão que tomara parte nas lutas da Patuleia²¹.

Provinha daí, aquele imponente ar marcial com que se apresentava em público nas festas mais rijas destas redondezas. (...)

.....
.....

Findara a missa. Pouco a pouco os fieis vão abandonando a igreja, em quanto que o senhor Rocha, descendo com aprumo e gravidade a escadaria da capela mór, se encaminha para a rua, acompanhando cerimoniosamente o juiz da festa e o carneiro, ao som duma velha e estafada marcha popular».

A participação dos gaiteiros neste contexto solene e socialmente significativo permite supor que a gaita de fole teve no passado um estatuto prestigiado, bem distinto do menosprezo que em Portugal era demonstrado pelas classes letradas em finais do século XIX e inícios do XX, de que ficou registo escrito, nomeadamente em jornais da época.

As novenas constituem um dos poucos contextos em que actualmente ainda se pode presenciar o gaiteiro tocando dentro da igreja ou capela, sem caixa nem bombo. Este acompanhamento musical dessa cerimónia ocorre em poucas localidades como, por exemplo, na Serra da Boa Viagem (Figueira da Foz), onde a gaita de fole se ouve em unísono com os cânticos dos fiéis.

Nesta região, os gaiteiros são solicitados para actuar noutros contextos de carácter mais específico ou local, como, por exemplo, os leilões de oferendas, a sul de Coimbra, ou, a norte desta cidade, na Bairrada, os “despiques de gaiteiros”, que são competições em que o público elege o melhor grupo, normalmente realizados no âmbito de uma festa patronal.

Da aqui apresentada sinopse dos principais contextos de participação dos gaiteiros nas festas patronais, fica claro que à medida que recuamos no tempo se vai verificando a sua participação num número mais alargado dos seus eventos, até constituírem o único conjunto musical contratado para os festejos, solicitado pelos mordomos para participar em todos os seus contextos, desde os mais lúdicos, como os bailes, aos mais cerimoniais, como as procissões e as missas.

Outros Contextos

Em São Silvestre (Coimbra) e na Granja de Ançã (Cantanhede) as visitas pascais ainda hoje são acompanhadas pelos gaiteiros, que as anunciam, alertando as casas para a aproximação do compasso pascal. Parecem existir indícios de, em tempos mais recuados, este ter sido um contexto em que se verificava a participação dos gaiteiros num maior número de lugares.

Ouvimos poucos relatos de bailes informais de fim-de-semana organizados pelos jovens da povoação ao som dos gaiteiros, o que será natural, tendo em conta o instrumento utilizado nessas ocasiões ser normalmente aquele por acaso mais disponível.

Festas Académicas

Os festejos universitários, como as Latadas e as Queimas das Fitas, constituíam ocasiões em que se podia assistir a um elevado número de gaiteiros tocando pelas ruas da cidade, em separado ou mesmo simultaneamente, em desfile. Os testemunhos recolhidos referem a comparência de mais de dez grupos nas festas de há algumas décadas atrás! (Figura 6)

Analisando os registos da participação dos gaiteiros nos festejos dos estudantes da Universidade de Coimbra, recuando no tempo verifica-se que essa participação já vem de antes da criação da Festa da Queimas das Fitas. Por exemplo, existem diversos registos da participação

²¹ A Guerra da Patuleia foi uma guerra civil portuguesa, que durou cerca de oito meses e terminou em 1847, na qual uma das facções políticas em combate era liderada pelo Duque de Saldanha.



Fig. 6 – Latada de 1957.
Local: Largo da Portagem, Coimbra.
Fotografia de Fernando Marques
“Formidável”.
Colecção de António Freire

de gaiteiros nos festejos do Enterro do Grau, incluindo fotográficos na *Ilustração Portuguesa* de 5 de Junho de 1905.

Num artigo intitulado *Festas do Grau*, no jornal *Resistência* de 28 Maio de 1905, encontra-se uma referência à contratação dos gaiteiros para as festas estudantis nestas épocas em que não era possível usar as telecomunicações para o fazer, e se tinha portanto de ir previamente procurar os músicos a sua casa para verificar da sua disponibilidade para a festa: «Agora a comissão não se vê. (...) Á tarde são carreiras aventureosas para o campo, á procura dos gaiteiros. Pela manhã passa-se o tempo a ver os carros que começam a aparecer alegres na sua linha comica e garrida»²².

Ainda anteriormente, no século XIX, na Festa do Centenário da Sebenta, os gaiteiros integraram o cortejo, conforme informa o jornal *Resistência* de 16 Abril 1899, num artigo intitulado «Festas Académicas»: «No cortejo não póram pé as phylarmónicas da terra, que se não pódem ouvir, virám os gaiteiros dos arredores, que sempre serám mais afinados».

Nessa festividade os gaiteiros tiveram uma numerosa participação da qual também ficou registo no jornal *O Tribuno Popular*, n.º 4489, de 3-05-1899, onde é referida a presença de quinze grupos num concurso organizado no âmbito desses festejos:

«Não podendo realizar-se a sessão solemne, foi este número substituído por um certâmen de gaiteiros, no largo da Feira.

Tendo todos, nada menos de 15, executando as melhores peças do seu vasto reportório, foi o 1.º prémio de 1\$000 réis ganho por António Gonçalves, da Povia da Pinheiro; o 2.º, de igual quantia, por ter tocado mais tempo de que o 1.º, a Francisco Bernardo Salgado, de Villa Verde, e o 3.º e 4.º, de 500 réis, a José Maria Lucas Carvalho e Joaquim Pereira, ambos do Senhor da Serra.»²³

²² Num artigo satírico, publicado na *Gazeta de Coimbra* de 12 Setembro de 1922, é igualmente feita referência à contratação de gaiteiros feita pessoalmente na respectiva casa. Intitulava-se «Diz-se Por Aí»: «(...) – que parece ser para a semana que deve ser inaugurado um dos chics-casinhotos, ao pé da cadeia de Santa Cruz; (...) – que já partiram emissários para Pé de Cão, Lavarrabos e suas adjacências, em procura de gaiteiros, para o pagode ser de estucha;» Os nomes dos lugares, que existem de facto, foram claramente escolhidos devido ao carácter cómico do artigo. Ambos ficam no concelho de Coimbra, na margem esquerda do Mondego, curiosamente uma zona de onde eram originários numerosíssimos gaiteiros. A Lavarrabos foi mudado oficialmente o nome para São João do Campo, ainda no final do século XIX, e Pé de Cão é um lugar da Freguesia de São Martinho do Bispo.

²³ Tendo em conta o carácter satírico desta festividade, imaginamos que a referida sessão solene se tratasse de um evento burlesco. Este episódio evidencia a numerosa presença de gaiteiros nos festejos académicos de Coimbra,



Fig. 7 – Passeio à Pocariça – Cantanhede – 1903. Da coleção de Sérgio Eliseu, que forneceu todos os dados sobre a imagem. Aparecem na fila de trás, da esquerda para a direita, José Lima com a gaita de fole, José de Sousa Lopes (“Zé Trégo”) com a flauta, José Elyseu, Carlos Lobo com o bombo, António Elyseu e Tavares com a caixa. Provavelmente os gaiteiros serão os três sentados mais à direita

Encontram-se inúmeros registos que atestam uma relação de grande proximidade entre os gaiteiros e os estudantes da Universidade de Coimbra em todos os seus festejos e eventos. Até nos mais informais, como reuniões de curso, magustos, ou até passeios de fim-de-semana combinados por grupos de estudantes para os arredores da cidade²⁴. Transcrevemos uma notícia ilustrativa. No jornal *Gazeta de Coimbra* de 28 de Outubro de 1914 podia ler-se: «Uma festa de estudantes – Alguns estudantes estão arranjando subscritores para levarem a efeito no domingo, no Choupal, um grande magusto. Um casco de vinho, algumas sacas com castanhas, muitos molhos de carqueja e o competente gaiteiro para animar a patuscada. (...)» No mesmo jornal, na edição de 31 do mesmo mês, nova notícia sobre o magusto dos estudantes, que tinha sido adiado: «O gaiteiro já anda ensaiando um magnifico repertorio adquado á função.» E nessa mesma edição, noutra artigo é feita uma alusão ao mesmo grande magusto dos estudantes, onde os gaiteiros não são esquecidos.

Voltemos a tempos menos longínquos; ainda hoje são lembradas as invasões das escolas secundárias, na manhã do dia do Cortejo da Queima das Fitas, pelos gaiteiros acompanhando os estudantes de capa e batina, com o intuito de terminarem as aulas para que esses alunos pudessem, também eles, assistir às festividades dos estudantes da Universidade. Infelizmente, desde há algumas décadas que os gaiteiros deixaram de ter um papel central neste tipo de festejos.

Cortejo dos Reis

Era costume os gaiteiros integrarem os cortejos dos Reis que se realizavam em algumas localidades da Região Centro, incluindo em Coimbra.

Na cidade dos estudantes, onde este cortejo tinha grande expressão, estes festejos terão cesado no princípio da década de 1940²⁵. Contudo, deste cortejo em Coimbra encontra-se registos

que vinham de aldeias dos arredores da cidade, como Póvoa do Pinheiro, na freguesia de Antuzede/concelho de Coimbra, Vila Verde, na freguesia de São Martinho da Árvore/concelho de Coimbra, e Senhor da Serra, na freguesia de Semide/concelho de Miranda do Corvo.

²⁴ É de notar que estes passeios não seriam exclusivos de grupos de estudantes, também sendo organizados por grupos de jovens amigos da cidade de Coimbra (**Figura 7**). Segundo o investigador António Manuel Nunes, no blogue «Guitarra de Coimbra V»: «Este tipo de divertimentos era muito comum entre os rapazes naturais da Alta e da Baixa que faziam saídas em ranchos, a pé, em barca serrana, em carroças e em burricadas. As passeatas incluíam cantorias, comes e bebes, animadas sessões de piadas e partidas aos mais ingénuos.»

²⁵ Segundo o texto «Os cortejos dos Reis em Coimbra, ontem e hoje...» da autoria de Manuel Dias, publicado em Março de 2002, no «Mensageiro de Santo António», nº 3. Este autor reporta que o Cortejo dos Reis tem sido objecto de tentativa de recriação em Coimbra: «Graças ao trabalho de uns tantos carolas, como acontecia



Fig. 8 – Os Gaiteiros – 1917, Carlos Reis.

Da obra «Carlos Reis», da autoria de Pedro Carlos Reis, publicada em 2006, por ACD Edições, Consultoria e Criações, Lisboa. Este é um quadro de um conjunto de três que Carlos Reis (1863, Torres Novas-1940, Coimbra) pintou sobre o grupo do gaiteiro de Tróia. Um dos quadros intitula-se justamente «O Gaiteiro de Troia», onde se pode apreciar uma soberba imagem, datada de 1917, de um velho tocador de gaita de fole. Outro quadro é o aqui apresentado, cujo tocador de gaita é indubitavelmente o gaiteiro de Troia. O terceiro quadro intitula-se «O Trio Ruidosos», de 1923. Tudo indica, por motivos que não é possível aqui desenvolver, que o lugar «Tróia» de onde era originário o tocador de gaita de fole é aquele que fica na freguesia de Miranda do Corvo.

expressivos em diversos jornais, dos quais aqui apenas nos é possível transcrever os curtos extractos referentes aos gaiteiros. «O Tribuna Popular», n.º 4661, de 9-01-1901, apresenta um artigo intitulado «A Passagem dos Reis Magos» do qual reproduzimos: «Fui este anno esperar os reis. (...) Os paços do concelho, iluminados, tinham á frente uma grande banda de musica. Á porta do quartel, na Sophia, também exteriormente recamado de luzes, tocava a banda do regimento, (...). Até à Casa do Sal, não se viam senão musicas, serenatas, girandolas de foguetes, gaiteiros, dansas e folguedos populares. (...) Não tardou que ao longe, para os lados da cidade, se ouvisse o toque de clarins e a musica tradicional e grave dos gaiteiros.» No mesmo jornal, edição n.º 5263, de 9/01/1907, podia ler-se o artigo intitulado «Os Reis», do qual reproduzimos apenas: «O cortejo sahi de Santa Clara, precedido d'um gaiteiro, sendo queimadas no tracto muitas duzias de foguetes.»

O já referido Diniz Gomes deixou-nos nota do gaiteiro que participava no cortejo da vila de Ílhavo na segunda metade do século XIX, o já mencionado «Ti Tapisso» ou «senhor Rocha», que terá nascido cerca de 1822. Transcrevemos então essa nota extraída do «Almanak Aveirense para 1896 – Á Beira-Mar», publicado em 1895: «E é vêr com que pose elle ainda hoje caminha – apesar dos seus setenta e tres anos – na frente do cortejo dos Reis Magos, de barrete vermelho cahindo-lhe sobre o hombro, jaqueta de alamares, calça branca e facha azul, marcando o andamento com os acordes harmoniosos da sua gaita de folles.»²⁶

antigamente, e de maneira muito particular aos agrupamentos de Folclore de hoje, estas tradições populares vão ressurgindo aqui e ali, melhor ou pior recriadas, dando-nos neste principio de século uma visão, às vezes muito pálida, do que era a vivência dos nossos avoengos.» Nesse ano de 2002 «o início do cortejo teve lugar no Rossio de Santa Clara» e «de seguida, precedidos de um gaiteiro, os Reis garbosamente montados em corcéis e ladeados pela sua comitiva rumaram até à Praça 8 de Maio, (...)»

²⁶ Esta descrição do seu «trajo festivo», tocando «na frente do cortejo dos Reis Magos», «de barrete vermelho cahindo-lhe sobre o hombro, jaqueta de alamares, calça branca e facha azul» difere em duas peças da descrição do seu trajo na missa: a «facha azul» passou a «cinta vermelha» e o «barrete vermelho» não é mencionado, pelo que presumimos que tinha a cabeça descoberta em sinal de respeito por se encontrar dentro de um templo. É de assinalar que esta mesma combinação de peças de roupa era usada pelos três membros de um grupo de gaiteiros fotografados por Eduardo Portugal em Coimbra (Figura 4), entre as décadas de 1920 e 1950 inclusive (pelo antiquado do traje, mais provavelmente na década de 1920 ou 1930). E é de notar ainda que este mesmo traje, com excepção do barrete, é o apresentado pelo gaiteiro de Tróia (Miranda do Corvo), no quadro de Carlos Reis, pintado em 1917 (Figura 8).

Os Instrumentos de Percussão

Quanto aos instrumentos utilizados por estes conjuntos, como já aludido, a percussão estava composta ou por apenas uma caixa, ou por uma caixa e um bombo. A caixa, herdeira da tradição militar como no resto do noroeste da Península Ibérica, era normalmente de grandes dimensões e batida com duas grossas baquetas. É de destacar que a caixa foi e é tocada nesta região com um grande virtuosismo, encontrando-se aqui, sem dúvida, os caixeiros mas hábeis e os toques mais complexos que temos documentado no noroeste peninsular. O bombo, também de grandes dimensões, junta-se à caixa e à gaita de fole depois da sua introdução pelas bandas de música filarmónica, um fenómeno bem documentado no noroeste da península. É tocado com uma única maceta, mas foi tocado em tempos por uma maceta e uma baqueta. (Figura 8) Ernesto Veiga de Oliveira recolheu testemunhos orais de quem ainda tinha memória de ver tocar bombo com dois elementos percutivos: «Contudo, em Ribeira de Frades (Coimbra) há memória de, antigamente, se tocar o bombo com maceta também na mão esquerda, basculando no alto, como vimos nos zés pereiras minhotos em geral.»²⁷ Acrescenta que os gaiteiros da Barreira (Condeixa) designavam por «maceta» ao elemento maior, que era tocado com a mão direita, e chamavam «baqueta» ao elemento menor, que era tocado com a mão esquerda. As caixas e os bombos que os gaiteiros usavam, como mencionado, eram de grandes dimensões, mas foram sofrendo ao longo dos anos um processo de redimensionamento no sentido da diminuição do seu tamanho. Isto é observável nos instrumentos de percussão usados pelos gaiteiros nas últimas décadas do século XX, já de medidas mais reduzidas.

As Gaitas de Fole

Aqui é de enquadrar que entende-se por noroeste peninsular, em termos da tradição das gaitas de fole no século XX, uma área litoral que vai desde a sua costa norte, nas Astúrias, passando pela Galiza, e em Portugal vai desde o Rio Minho até à foz do Rio Sado, incluindo áreas mais interiores como Trás-os-Montes e faixas ocidentais das províncias de Leão e Zamora.

Quanto à gaita de fole, a tipologia própria da Região de Coimbra, como aliás em todo Portugal, segue um padrão claramente medieval, com ronca e ponteiro como únicos tubos sonoros, que constitui um padrão que encontramos em todo o noroeste da Península Ibérica. Não se documenta, na zona, gaitas de fole com mais de um bordão. Por mais que a influência galega seja notada, sobretudo desde os últimos anos do século XX, com a aparição de modelos de fabrico galego, certamente podemos definir uma gaita de fole propriamente coimbrã com base, não somente nas especificidades da própria tradição, repertório e costumes, mas também com base em detalhes construtivos e sonoros, que fazem dela uma tipologia a considerar e a conservar.

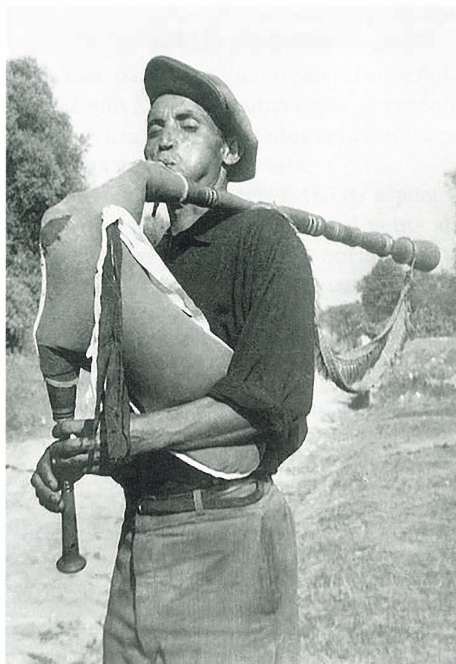


Fig. 9 – Gaiteiro em Vila Nova de Anços, Soure, 1939/40(?)
Fotografia de Armando Leça. Arquivo Histórico e
Fotográfico da Câmara Municipal de Matosinhos.

²⁷ Na já referida obra *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*.

Fig. 10 – Gaita de fole do gaiteiro Manuel Gonçalves, de Abiul, Pombal



Fig. 11 – Ponteiro da gaita de fole da figura anterior



Fig.12 – Gaita de Fole do gaiteiro Flamínio Almeida, de Casal da Misarela, Coimbra.

Herdou-a do seu tio gaiteiro, que por sua vez a tinha adquirido a um antigo gaiteiro de Tovim. Ponteiro original danificou-se, e o actual foi construído por José Mendes Seco, em Coimbra, provavelmente por cópia do original danificado.

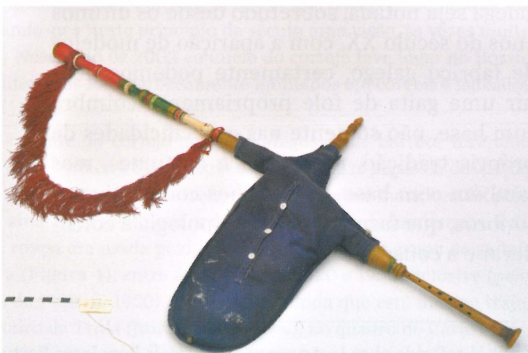


Fig. 13 – Gaita de fole do Museu Nacional de Etnologia.

Número de Inventário: BB.036.

Na ficha de inventário é indicado que foi adquirida por Ernesto Veiga de Oliveira entre 1960 e 1965, na Barreira, Condeixa-a-Nova, e que foi construída por José Mendes Seco.

Fotografia: Pablo Carpintero. Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Etnologia.



Depois do registo e análise de numerosos exemplares de gaitas de fole nesta região, podem ser classificadas em duas categorias bem diferenciadas.

À primeira, e mais moderna, correspondem aquelas de importação da Galiza, em nada diferentes das utilizadas no sul da Galiza e no Minho português (ainda que aqui também se documenta uma tipologia própria), com escalas já temperadas e em que os padrões de torneado galego moderno e os vestidos dão ao fole uma típica aparência galega. Estes instrumentos foram na sua grande maioria adquiridos em lojas de instrumentos musicais sitas na cidade de Coimbra e em alguns poucos casos adquiridos na Galiza, principalmente em Vigo e Ponte Vedra, segundo informações dos próprios gaiteiros.

Uma segunda categoria estaria conformada por gaitas de fole construídas por artesãos residentes na própria região e que seguem um padrão completamente diferente daquelas. Um subgrupo destes instrumentos corresponde a gaitas de fole construídas por artesãos locais bem identificados. Outro subgrupo é constituído por instrumentos cujos artesãos não são conhecidos mas que foram tocados pelo menos, por duas gerações de gaiteiros, nascidos regra geral até à década de 1920, e apresentam características distintivas.

Uma primeira e substancial diferença, das gaitas de fole desta região em relação às do restante noroeste peninsular, tem a ver com os vestidos e com o jeito de atar as buxas no fole: aqui encontramos os sopretes atados no pescoço da pele do animal; este pequeno detalhe, que não se encontra no resto do noroeste peninsular, condiciona totalmente a forma do vestido e a postura do gaiteiro, pois a peça por onde se sopra na gaita de fole fica agora numa posição elevada relativamente à boca do gaiteiro, o que obriga a ronca a cair para atrás e a elevar o fole (**Figura 9**). Do vestido que envolve o fole pendem, normalmente, fitas de vistosas cores.

Uma segunda diferença, estética também, reside nos torneados com que os artesãos ornamentam as diferentes peças de madeira da gaita de fole. Nas mais velhas por nós documentadas, observa-se a presença de um padrão muito antigo (porventura medieval) consistente num tipo de torneado muito singelo, que aparece em gaitas muito antigas de todo o noroeste peninsular, sobrevivendo ainda nas gaitas de fole asturianas actuais. Este padrão muito antigo foi superado na Região de Coimbra, pelo menos a partir de finais do século XIX, por outro especificamente coimbrão, consistente em calibres da ronca muito grossos e ricamente torneados com desenhos que não aparecem noutra lugares e por vezes mostrando uma vistosa policromia.

Fora as questões puramente estéticas, que não são menos importantes, estão os aspectos com implicações no resultado sonoro do instrumento, dependentes fundamentalmente da estrutura dos ponteiros. Os mais antigos, das gaitas de torneados singelos, estão normalmente afinados com tónicas bastante agudas que rondam o Do# (**Figuras 10 e 11**). Enquanto outros ponteiros mais recentes, das gaitas mais ricamente torneadas e de calibres maiores, que não serão anteriores a meados do século XIX, apresentam tónicas mais graves (**Figuras 12 e 13**). O seu som é muito potente, resultado da combinação de vários factores: cones internos dos ponteiros bastante amplos, furos melódicos de grande diâmetro e palhetas pequenas e fortes.

A Palheta

Quanto à palheta, a alma do ponteiro, devemos dizer que, ainda que encontremos na Região de Coimbra uma invasão do modelo *standard* galego actual (desenvolvido nos anos 1950-1960), também encontrámos palhetas antigas coimbrãs apresentando igualmente características diferenciais das de outras zonas.

A quase totalidade destas palhetas que analisámos pertence a uma tipologia que aparece em toda a zona marítima do noroeste peninsular, nomeadamente nas províncias galegas da Corunha e Ponte Vedra, no Minho Português, Região de Coimbra e chega mesmo até à península de Setúbal. Estas palhetas, que são lavradas na parte dura e exterior da cana, de forma curva no seu interior, conservam, uma vez terminadas, a superfície exterior brilhante da cana. As folhas da palheta eram simplesmente atadas sobre o tudel com fio, e só mais tarde, provavelmente a partir da década de 1960, por clara influência galega, os gaiteiros desta região passaram a dotá-las de

um jugo metálico que permite regular a sua abertura. Dentro desta tipologia geral, devemos dizer que as palhetas da zona coimbrã são as mais pequenas e fortes, ou seja, de menor comprimento e maior grossura das folhas, que temos encontrado no noroeste peninsular. Este tipo de palheta pequena e forte produz nos ponteiros um som muito potente, que combina na perfeição com a potência percussiva própria do agrupamento tradicional coimbrão, de som muito possante.

Tal como referido, a análise que fizemos até aqui foi sobre a quase totalidade das palhetas antigas analisadas. Todavia, o achado de um conjunto de palhetas pertencentes a um antigo gaiteiro de Castanheira de Pêra, as mais antigas documentadas nesta região, provavelmente com cerca de 100 anos, constitui indício de que numa altura ainda mais recuada as palhetas desta zona fossem diferentes. Estas palhetas de Castanheira de Pêra estão construídas com folhas triangulares e planas que só contém a parte interior e branda da cana. Portanto, temos indícios que apontam para a hipótese de na Região de Coimbra, antes de se fabricar palhetas com a parte exterior e dura da cana, se terá construído deste outro modo, que é claramente mais antigo e que foi conservado até à actualidade nas Astúrias, na parte oriental da Galiza, Terra de Miranda e Sanabria. É portanto possível ter sido esta a evolução das palhetas das gaitas de fole na Região de Coimbra: inicialmente as palhetas seriam deste modelo muito arcaico, de folhas triangulares, fabricadas planas, da parte branda da cana, sem jugo de metal; posteriormente, por influência galega antiga, as palhetas passaram a ser construídas a partir da parte exterior e dura da cana, com folhas quadradas e curvas por dentro. É possível que este período corresponda aos anos 20-60 do século XX. Por último, a partir dos anos 60/70 do século XX, chegaram as palhetas (e gaitas de fole) galegas contemporâneas, fabricadas à semelhança das palhetas de oboé, com folhas longas, triangulares e curvas no interior, fabricadas com a parte exterior e dura da cana e sempre com um jugo metálico.

As Escalas das Gaitas de Fole

Quanto às escalas, fazemos uma sucinta nota prévia indicando que, em termos de metodologia, a análise das escalas de todas as gaitas de fole antigas que tivemos a oportunidade de experimentar foi feita utilizando réplicas de palhetas antigas, utilizando sempre uma que permitisse um perfeito, ou pelo menos bom, equilíbrio do primeiro, quinto e oitavo graus.

É de salientar que as escalas musicais produzidas pelos ponteiros das gaitas de fole propriamente coimbrãs estão afastadas do temperamento igual. Este tipo de escala, a temperada, foi desenvolvida para a interpretação da música clássica ocidental nos últimos séculos e, noutras zonas, nomeadamente na Galiza, devido à sua penetração através das bandas filarmónicas, acabou por destruir e substituir os padrões próprios de afinação e portanto de expressão musical. Estas escalas temperadas são o fruto de um muito delicado compromisso entre desafinação e harmonia (os barrocos concebiam o temperamento como “desafinação conveniente da escala”), sendo relativamente boas para a interpretação da música harmónica e do contraponto, mas estando consideravelmente desafinadas relativamente a um bordão contínuo, condição para a qual as gaitas de fole foram concebidas. Por esta razão, ainda que uma escala temperada permita a uma gaita de fole tocar junto com outros instrumentos modernos e participar em músicas harmónicas e contrapontísticas, a escala temperada literalmente destrói a afinação da gaita de fole consigo mesma e retira poder e espírito às suas melodias tradicionais, interpretadas durante séculos com escalas modais, não temperadas, que estão perfeitamente afinadas em relação aos bordões. Por esta razão, é fundamental para a memória musical colectiva das gaitas de fole a conservação deste tipo de escalas tradicionais modais.

As gaitas de fole coimbrãs não influenciadas pelas modernas escalas temperadas mostram claramente escalas modais muito semelhantes às empregues na Idade Média.

À medida que vamos analisando mais exemplares de gaitas de fole, vamos ficando mais convencidos de que o modo que apresentam, tanto as gaitas de Região de Coimbra como as Mirandesas e Minhotas (destas últimas um só exemplar, de Bravães), não corresponde a um modo eclesiástico em Ré, tratando-se antes de um modo exclusivamente português. Nas três regiões

mencionadas, Coimbra, Miranda e Minho, as gaitas antigas apresentam um 3º grau muito rebaixado, com intervalos entre o 1º e o 2º, muitas vezes próximos aos 150 cents e entre o 2º e o 3º graus também próximos aos 150. O assunto central aqui é que os 300 cents que deve haver entre o 1º e o 3º (ou seja, um tom e um semitom) estão distribuídos de um jeito neutro (150+150, 160+140, 130+170) que dá ao ouvido uma sensação de 3º grau menor. Na parte superior da escala, onde se encontra o outro semitom, sucede algo muito parecido. No modo eclesiástico de Ré, segundo o que explicamos ou concebemos na actualidade, os semitons acham-se entre o 2º e 3º e entre o 6º e 7º, enquanto nas antigas gaitas Coimbrãs, Minhotas e Mirandesas, o que mais frequentemente achamos é que o semitom superior se acha entre o 7º e o 8º, e isto não corresponde claramente a um modo de Ré, nem a nenhum modo eclesiástico conhecido. Há que ter igualmente em conta que o conjunto tom-semitom da parte superior da escala apresenta também uma distribuição em partes neutras, ou seja, mais uma vez não encontramos distâncias de 100+200 cents (semitom e tom), senão distâncias neutras de 150+150, 160+140 ou 130+170, que fazem com que o ouvido possa interpretar estas escalas como um modo de Ré, ou como este outro modo “português”, se está previamente condicionado para uma coisa ou outra, pois esta é a virtude dos intervalos neutros. O condicionamento procede claramente de questões culturais (a actual escala temperada com os seus modo maior), do que se esperaria encontrar, e sobretudo da parte inferior da escala, ou seja, da interpretação da colocação do semitom inferior. Neste sentido, pensamos que se o percebemos como 3º grau maior (semitom entre 3º e 4º grau), tendemos a perceber o semitom superior na posição da escala maior (entre o 7º e o 8º), pois esta é a escala que mais frequentemente ouvimos na actualidade em toda a música ocidental. Mas se percebemos o semitom inferior como em posição menor (entre o 2º e o 3º) como sucede em todas estas gaitas antigas, por influência também da escala maior actual, tendemos a não perceber o semitom superior entre o 7º e o 8º.

Do nosso ponto de vista, a presença destas duas zonas com intervalos neutras define claramente um “modo português”, modo esse que encontramos num ponteiro muito antigo documentado na Galiza, o que indicia que terá sido muito frequente no noroeste e que se conservou bem em Miranda (com consideráveis variações), Minho e Coimbra, tendo desaparecido da Galiza, Sanabria e Astúrias.

O que sim podemos dar como propriamente coimbrão é a presença, dentro deste “modo português”, de um 6º grau bastante rebaixado que coloca esta escala num ambiente que hoje identificamos como algum tipo de escala “árabe”. Este grau assim rebaixado apresenta uma distância entre o 5º e o 6º graus bastante menor de 200 cents e não aparece nem no Minho nem em Miranda, onde esta distância é sempre claramente muito próxima do tom inteiro (200 cents).

Assim, aqui tentámos deixar uma perspectiva geral e sucinta sobre os gaiteiros e as gaitas de fole na Região de Coimbra e noutras zonas da Região Centro, desde o século XIX até aos nossos dias.

Agosto de 2017

Agradecimentos:

Flamínio Almeida, Abílio Gonçalves, Júlio das Neves Ferreira, Sérgio Eliseu, Renato Freire da Paz, Museu Nacional de Etnologia, Museu da Música Portuguesa – Casa Verdades de Faria, Francisco Pimenta, Conceição Correia, Paulo Ferreira da Costa, Artur Jorge Santos, Diogo Gonçalo Roque Barbado Leal, Sandra Deuchande, Maria da Assunção Soares dos Reis e outros.

POSFÁCIO

LANÇAMENTO DAS ACTAS DAS III JORNADAS DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DE EIRA PEDRINHA, 23 (sábado) e 24 (domingo) de Abril de 2016

JOSÉ AMADO MENDES

Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

Apresentação – Pousada de Condeixa – Coimbra, Condeixa-a-Nova, 10-02-2017

Começo por saudar:

O Senhor Vereador do Pelouro da Cultura do Município de Condeixa-a-Nova;

Senhor Presidente do Agrupamento de Freguesias;

Os senhores autarcas presentes;

Membros da organização deste importante Colóquio, dedicado à Cultura da cerâmica;

Corpos dirigentes e membros das diversas associações culturais do Concelho de Condeixa-a-Nova;

Investigadores e estudiosos do património cultural, material e imaterial e, em especial, do ligado à cerâmica, que aqui nos congrega, neste Colóquio;

O amigo Dr. Miguel Pessoa, pelo convite que me dirigiu para participar no Colóquio e fazer a apresentação das *Atas III Jornadas*, dedicadas a Eira Pedrinha;

Bem como todos os presentes.

As *Actas* que hoje se apresentam, nas suas 83 páginas, contêm um conjunto diversificado de textos que nos permite “mergulhar” praticamente em todas as vertentes culturais e socioeconómicas de Eira Pedrinha e localidades limítrofes. Obviamente que não me posso deter, em pormenor, sobre cada um deles, pelo que peço desculpa por uma certa superficialidade da análise, imposta pelas circunstâncias. Atendendo à proximidade temática dos assuntos focados, os textos podem ser agrupados da seguinte forma:

1. História da Arte e Arqueologia

Dada a temática das III Jornadas acima referidas, compreende-se o relevo dado à Capela de Eira Pedrinha, ao Alto-relevo de São Jorge e aos elementos arquitetónicos e de mobiliário reaproveitados na construção da capela (Vítor Serrão, Francisco Gil e José Paulo Domingos, Licínia Wrench e Miguel Pessoa). Trata-se de um património de grande relevância, não só no contexto local e regional, mas mesmo a nível nacional, como destacam os investigadores. A propósito, sublinha Vítor Serrão (p. 23), acerca do referido Alto-relevo de São Jorge (datado de finais do séc. XIV ou inícios do XV): «É a mais antiga representação do tema na arte nacional, e se trata de uma notabilíssima peça da escultura gótica da chamada “escola de Coimbra”».

Por sua vez, o riquíssimo património arqueológico foi devidamente estudado e evidenciado, quanto à sua riqueza e diversidade, por Raquel Vilaça. Como recorda a autora (“Um passado remoto para um presente em perspectiva. Arqueologia Pré-história de Eira Pedrinha/Condeixa-a-Nova”):

«Os testemunhos arqueológicos mais antigos do povoamento de Eira Pedrinha remontam ao séc. VI-V milénios a.C. [...], «dando sentido à nossa identidade» (p. 55). Também no texto

“Evocando Eira Pedrinha” (p. 57-62) se encontram dados com interesse acerca da história, identificação e localização museológica do património arqueológico da localidade (António A. Huet de B. Gonçalves).

Interessante é, igualmente, a informação sobre o “Marco de demarcação seiscentista das propriedades do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Cabaneiras” (Miguel Pessoa, p. 45).

2. Património natural.

Nem sempre devidamente valorizado, foi-lhe também dado o devido destaque, nos textos sobre a “Visita às Grutas...” (p. 46) e “Revitalização da Gruta de Eira Pedrinha” (Isabel Vizeu, p. 47-48).

Também o “Percurso pedestre...” (p.40-42), realizado e descrito, permitiu observar e apreciar, *in loco*, não só o belo património da Natureza envolvente como ainda monumentos históricos de tipo diverso (Lia Teodósio e Marina Teodósio).

Defendo que, em percursos pelo nosso riquíssimo património cultural (em visitas de estudo, excursões ou passeios de lazer), se contemplem as diversas modalidades de património (material e imaterial), tendo em atenção o considerável alargamento do conceito, nas últimas décadas.

Com efeito na atualidade, ao invés do que sucedia há algumas décadas, em vez de património, podemos falar de patrimónios: literário, científico e tecnológico, industrial e agrário, mineiro e dos transportes, musical e gastronómico, natural e paisagístico, para dar apenas alguns exemplos.

3. Religiosidade e rituais.

Tema sempre importante nas comunidades locais, está presente nos seguintes estudos interessantes: “Ex-voto à Sr.^a da Piedade, Eira Pedrinha, 1871”, do qual constam dados com interesse histórico (Ana Faria, p. 32-35) e sobre a “Candelária. Festa de Nossa Senhora da Piedade, das Candeias ou da Luz” (Soledade Martinho Costa, p. 39). Os ex-votos, já presentes em alguns museus, carecem de maior atenção, investigação e divulgação, o mesmo sucedendo com as cerimónias e rituais religiosos.

4. História das empresas e das organizações, de vários tipos.

Trata-se de uma temática hoje em voga, nos estudos históricos. Daí a pertinência dos textos sobre a “Comissão de Melhoramentos. Subsídios para a sua história. Actual Direcção” (António Vizeu e Pedro Bacalhau, p. 11-14) e o “Historial do Rancho Folclórico e Etnográfico Pedrinha” (João Lima, p. 14-15).

Os autores fizeram bem em abordar estes temas da história recente (hoje até já se investiga a “história do presente”), recorrendo, em grande medida, aos testemunhos orais, cuja relevância, sobretudo para o estudo de assuntos mais próximos de nós, é fundamental, pelo que devem ser utilizados com mais frequência.

A eletrificação, o abastecimento de água, o saneamento e as instalações culturais e desportivas são aqui abordados, o que é meritório, pelo pouco que ainda sabemos acerca destas inovações que, embora ainda recentes, contribuíram em muito para melhorar a nossa qualidade de vida e o nosso bem-estar.

Entre outros assuntos a aprofundar, contam-se os relativos ao património industrial – através de uma área de investigação relativamente nova, a Arqueologia Industrial, a qual nos remete para oficinas e fábricas desativadas, tecnologias obsoletas, exploração de matérias-primas (minas, barreiros e outras), habitações operárias, antigos meios de transporte, etc.

5. História económica e história agrária

Enquadram-se neste grupo os textos: “Cooperativa Agrícola de Condeixa e Penela. Uma palavra aos produtores” (António Lucas e Helena Coimbra, p. 66 e 67); “Moinhos e desalinhos”

(Manuel dos Santos, p. 43-44); “Louvor aos férteis campos de Eira Pedrinha” (Carlos Ferreira, p. 63-65). Aqui se procede a um interessante estudo de caso, que é a comparação e um pouco da história da couve de Eira Pedrinha e de Castelo Viegas.

Quanto ao referido texto sobre “Moinhos”, é dado o devido relevo a este importante património, em degradação, e para a necessidade da sua valorização, dando-lhes como que uma “segunda vida”, reutilizando alguns deles para funções diferentes das originais e constituindo uma rota dos moinhos.

6. Biografia e prosopografia

Por fim, mas não menos importantes, temos os homens que devem ocupar, sempre, lugar central na História. Assim, temos:

- “Eira Pedrinha – Três pintores. «Quim Galaitas», «Minda Lavado» e «P. Afonso» (Joaquim Ventura, Arminda Andrade e Paulo Afonso, p. 68-70);
- “Tributo a Maria Hermínia Pocinho, peixeira de Condeixa” (Manuel dos Santos, p. 18);
- “Apontamento” (Manuel dos Santos, p. 19);
- “Eira Pedrinha e os Melo, família de gaiteiros originária do lugar da Barreira, Condeixa-a-Nova, e da Ribeira de Frades, Coimbra” (Henrique Oliveira e António Freire, p. 75-82).

O papel central que os gaiteiros desempenhavam – e, em grande parte, ainda desempenham – nas festas de aldeia justifica plenamente o relevo que é dado a esta família Melo, de exímios gaiteiros. Esta terá sido a família de gaiteiros mais proeminente da região de Coimbra, segundo os Autores.

Relativamente ao lugar do Sobral, onde estes gaiteiros foram tocar em 1897, como admitem os Autores do texto, é com certeza o da freguesia de Ceira, onde a referida festa da Nossa Senhora da Conceição tem continuado a realizar-se, anualmente, no fim-de-semana mais próximo do dia 8 de dezembro.

Temos ainda outros textos, em geral sucintos, entre os quais:

- “Saudação musical. Concerto para Estudante...Violino” (Pedro Miguel Simões dos Santos, p. 7-8);
- “Breve referência ao Museu Etnográfico de Eira Pedrinha” (Milu Teodósio, p. 9);
- “Música e fraternidade no contexto do coro da igreja de Condeixa-a-Nova – Unidade pastoral de Conímbriga” (Joana Isabel Navarro, p. 20).

Se me é permitido, mais um pormenor da chamada ego-história, além da já referida alusão ao lugar do Sobral que conheço bem: gostei de ver referidos, nos textos, dois ex-professores meus, já falecidos mas de quem guardo boas memórias: P^{re}. António Nogueira Gonçalves e José Maria Gaspar.

Antes de concluir, desejo manifestar o meu apreço e felicitar os organizadores e participantes nas ditas Jornadas de Eira Pedrinha, bem como as instituições patrocinadoras da publicação das respetivas *Actas*.

Trata-se de uma iniciativa da maior utilidade, uma vez que permite ampliar e registar, para futuro, os meritórios contributos científicos e pedagógicos então apresentados ao evento. Trata-se de um bom exemplo do quanto o associativismo local, com o apoio das entidades competentes, pode realizar, em prol da nossa história, cultura, património e identidade.

Naturalmente que o que aqui expus apenas dará uma ideia sucinta do conteúdo desta obra, pelo que, de modo algum, se pretende substituir à leitura que cada um e cada uma deverá efetuar, da qual muito beneficiará, como, aliás, sucedeu comigo.

Se o que acabo de expor contribuir para motivar os presentes e os estimular a lerem as *Actas*, sinto-me compensado.

Muito grato pela atenção dispensada.

José Amado Mendes



Lançamento das Actas das III Jornadas de Valorização do Património Cultural e Natural de Eira Pedrinha.
Galeria da Pousada de Condeixa – Coimbra, Condeixa-a-Nova, 10 de Fevereiro de 2017

ACTAS DO COLÓQUIO DE HISTÓRIA, ARTE, ARQUEOLOGIA, GEOGRAFIA E ETNOGRAFIA, VERGÍLIO CORREIA *IN MEMORIAM*
IV JORNADAS DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL DE CONDEIXA-A-NOVA – PARTICIPAÇÃO LIVRE

Coordenação | Miguel Pessoa, Lino Rodrigo

Capa | Miguel Bandeira Pessoa

Desenho e pintura | João Pocinho

Conservação e restauro | Pedro Sales

Design, edição de imagem e paginação | Sersilito

Tratamento de texto e documentação | Cláudia Ferreira. Sónia Carvalho. João Archer de Carvalho. Sónia Vicente. Albertina Pimentel. Isabel Pimentel Godo. Manuel dos Santos. António Costa Pinto. Susana Carvalho. Fátima Bandeira. Cândido Ribeiro da Cruz. Helena Araújo. Sérgio Ferreira. Albertina Pimentel. Adelino Cadete. Helena Araújo. Bernard Brauchli. Sissi Brauchli. Bernard Parzys. Alix Barbet

Fotografia | Francisco Pedro, António Costa Pinto, José Carvalho

Tradução | Ana Marília Gonçalves Ferreira

Acordo ortográfico | Alguns autores redigiram os seus textos segundo o novo acordo ortográfico; outros autores optaram por redigir os seus trabalhos conservando o antigo acordo ortográfico

Edição | Centro de Estudos Vergílio Correia. Associação Ecomuseu de Condeixa. Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova. União das Freguesias de Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova

Apoio à edição | Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita-de-Foles

Agradecimentos | Idalino Simões. José Torres. João Pimentel. Pedro Sales. Paula Panão. Paulo Simões. Ana Ferreira. Ana Froufe. Inês Rodrigues. Adelaide Geada. Connie Coutinho. José Tomé. Cláudia Ferreira. Joana Branco. Sérgio Ferreira. João Pocinho. Sónia Vicente. Ana Ravara. Licínia Wrench. Nuno Caridade. Luís de Aguiar. Maria Fernanda Melo Carvalho. Sara Isabel Antunes Jorge. Manuel Barrico. Filomena Melo. Elsa Melo. Conceição Craveiro. Maria Fernanda Melo Carvalho. Sara Isabel Antunes Jorge. Museu Nacional de Etnologia, Paulo Ferreira da Costa. Museu da Música Portuguesa – Casa Verdades de Faria, Maria da Conceição Correia. Manuel Domingues. Alda Francisco. Fátima Mateus, entre outros.

Redacção | Rua Francisco de Lemos, 5, 3150 – 142 Condeixa-a-Nova

Impressão | Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem | 500 exemplares

Depósito Legal | 443129/18

ISBN | 978-989-20-8638-5

Ano | 2018

Capa | Retábulo de Nossa Senhora da Graça da Igreja Matriz da Ega, obra do pintor Diogo de Contreiras, 1543, estudado por Vergílio Correia (1888-1944) e publicado, em 1953, de parceria com António Nogueira Gonçalves, no Inventário do Distrito de Coimbra, Volume IV, da Academia Nacional de Belas Artes. Este assunto, está reflectido nestas Actas em artigo de Vítor Serrão, docente do Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, sob título “O tríptico de Nossa Senhora da Graça da Igreja Manuelina da Ega, da autoria de Diogo Contreiras (1543)”, p. 91-104.

Actas das Jornadas de Valorização do Património Cultural e Natural, Catálogos de Exposições Itinerantes e Propostas, publicados pelo Centro de Estudos Vergílio Correia* no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco**

2014 – Catálogo da Exposição Itinerante sob título *Património Quinhentista do Município de Condeixa-a-Nova (Apontamento Museológico) – Forais e outro Património do século XVI em reflexão e apoio ao Movimento de Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco*, 3 de Junho de 2014. Ano de edição do Catálogo 2016.

2014 – *I Jornadas de Valorização do Património Cultural e Natural de Condeixa-a-Velha*. 27 e 28 de Setembro de 2014. Ano de edição 2015.

2015 – *II Jornadas de Valorização do Património, Cultural Material, Imaterial e Natural de Alcáideque*. 11 e 12 de Abril de 2015. Ano de edição 2016.

2016 – *III Jornadas de Valorização do Património Cultural Material, Imaterial e Natural de Eira Pedrinha*. 23 e 24 de Abril de 2016. Ano de edição 2017.

2016 – *IV Jornadas de Valorização do Património Cultural e Natural de Condeixa-a-Nova. Colóquio de História, Arte, Arqueologia, Geografia e Etnografia. Vergílio Correia in Memoriam* – participação livre. 13 de Fevereiro de 2016. Ano de edição 2018.

2016 – Proposta de fundamentos para o *Movimento de Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco. Balanço 2012-2016*. Ano de edição 2016.

2016 – Catálogo da Exposição Temporária e Itinerante *Itinerário de Vergílio Correia (1888-1944) expresso no seu arquivo de fotografias em chapa de vidro*, Centro de Estudos Vergílio Correia, Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, Associação Ecomuseu de Condeixa. Ano de edição do Catálogo 2016.

* **Outras edições do Centro de Estudos Vergílio Correia** – Associação Ecomuseu de Condeixa – Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova – Família de Vergílio Correia: **2014** – *Imitação de “mármore” em mosaico romano de Conímbriga descoberto, entre 1938 e 1941, ao tempo do Professor Vergílio Correia (1888-1944): uma reflexão*. **2015** – Calendário / Almanaque – *O valor cultural do lugar*. **2016** – Calendário / Almanaque – *Mosaicos romanos de Conímbriga – Pintura em pedra*. **2017** – Calendário / Almanaque – *Cinco séculos de azulejo*. **2018** – Calendário / Almanaque – *Arte sacra. Ourivesaria*. **2017** – *Conímbriga: Memórias de Hoje e de Ontem*. 2018 – *Vaso Neolítico de Casével – Ega – Condeixa-a-Nova. Cerâmica do VI/V milénio a.C., Neolítico Antigo. Descoberta realizada em 1979 por João da Silva Santo (1930-1997) e família, em cava funda para plantio de vinha nova*.

** **Pessoas e entidades apoiantes** – José Baldaia, Miguel Pessoa, Lino Rodrigo, Avelino Ferreira dos Santos – Associação Ecomuseu de Condeixa. Nuno Moita da Costa, Liliana Pementel, António Lázaro Ferreira – Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova. Anabela Lemos – Assembleia Municipal de Condeixa-a-Nova. Natividade Mendes, Ana Sofia Correia Fonseca, Sara Correia Fonseca – Família de Vergílio Correia. Justino Maciel – FCSH – Universidade Nova de Lisboa. Vítor Serrão – FL – Universidade de Lisboa. Mário Barroca – FL – Universidade do Porto. Leonor Rocha – Departamento de História – Universidade de Évora. António Pedro Pita – FL – Universidade de Coimbra. Paulo Simões – União de Freguesias de Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova. Nelson Moita – Associação Cultural, Recreativa e Desportiva de Condeixa-a-Velha. Nuno Caridade – Centro Cultural, Recreativo e Desportivo de Alcáideque. Idalino Simões – Unidade Pastoral de Conímbriga. Fátima Bandeira – Associação de Amizade Condeixa – Bretten – Alemanha, Longjumeau – França, Pontypool – País de Gales, e Idanha – Portugal. E outros.

2017 – V Jornadas de Valorização do Património Cultural – Participação livre. *A Mão e o Barro – Colóquio Internacional sobre Cultura Cerâmica*. 11 de Fevereiro de 2017. Actas em preparação.

2017 – VI Jornadas de Valorização do Mosaico Romano – Participação livre. Encontro Portugal – Argélia – Mosaicos Romanos / Fragmentos de um Passado Comum. 8 de Julho de 2017. Actas em preparação.

2017 – Proposta de admissão do Projecto “Conímbriga Viva – Cidade Romana e Território da Lusitânia Atlântica: exemplo de interacção humana com o ambiente, núcleo cultural, artístico, viário e pólo dinamizador do eixo da romanização, na Sub-Região Terras de Sicó, no centro de Portugal”, na Lista Indicativa do Património Mundial da Comissão Nacional da Unesco. Ministério do Negócios Estrangeiros. Palácio das Necessidades. Lisboa. Revista Algar, nº 4-5, 2017-2018, p. 57-70.

2017 – Apresentação, pela primeira vez no estrangeiro, da Exposição Itinerante “*Fundamentos para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco*”, Festas de Pedro e Paulo, Bretten – Württemberg – Alemanha.

2018 – VII Jornadas de Valorização do Património Construído – Colóquio “Casa Grande, Sobradinho e Arquitectura de Produção: Novos Desígnios – Novo Serviço”. Participação livre. 2018 Ano Europeu do Património Cultural. 7 de Julho de 2018. Actas em preparação.

Nota: As Jornadas com participação livre e as apresentações à População e aos Públicos acima citadas inserem-se no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga Património Mundial da Unesco**.

De facto, a cidade de Conímbriga – Condeixa-a-Velha, símbolo maior do domínio romano em Portugal, está envolvida por um outro rico Património Cultural, Material, Imaterial e Natural, que nos chega de outras épocas, sendo nossa convicção de que a sua inventariação, estudo e divulgação, poderão ser uma afirmação das comunidades do município de Condeixa-a-Nova e dos municípios contíguos.